

f e s s o r

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATOSINHOS



NOV/DEZ 7

índice

Ficha Técnica

Director: Jorge Lima

Redacção: Georgina Teixeira, Rosa Branca Pinheiro

Propriedade: PRÓfessor – Centro de Formação de Professores de Matosinhos

Periodicidade: mensal

Tiragem: 2000 exemplares

Composição: Georgina Mendes

Capa: Helena Teles Viana

Execução gráfica: Edições Afrontamento

Correspondência: PRÓfessor – Centro de Formação de Professores de Matosinhos

Rua de Damão • 4450 Matosinhos

Tel.: 9381064 • Fax 9387683

Para começar	2
Opinião	3
• Um ano de ser... PRÓfessor	3
Se ainda não sabe, tem que ler	7
• As acções em números	7
• Acreditação	8
• Financiamento	8
• Avaliação das acções realizadas	8
À conversa com...	20
• Professor Doutor Bartolo Pavia Campos	20
• Professor Doutor Jorge Arroiteia	24
• Dr. Valdemar Almeida	28
Às Quartas... é no Centro!	31
Um ano em revista	32
Conhecer melhor	34
• A equipa de colaboradores do PRÓfessor	34

para começar

Estamos aqui pela imagem do Professor
... que fique bem claro!
Para que
deixemos de ser conhecidos por
«aqueles que dão aulas»
e, em vez disso,
sejamos conhecidos por
«ajudantes de compreender o mundo»...
universalistas,
cidadãos intervenientes,
criativos,
gente do bom-senso,
limpa,
no corpo e na mente...
com o brilho nos olhos
de quem ousa fascinar-se...
gente do espírito crítico
e da abertura à mudança
vacinados
contra todas as formas de mediocridade...
gente que coloca
no seu glossário
a palavra «formação»
no princípio
e «créditos»
lá para o fim...
gente capaz de auto-formação
e de todas as inovações...
gente do azul
e do verde...
profissionais
competentes
prospectivos
em relação a tudo o que desconhecemos...

Jorge Lima
Janeiro 1993

opinião

Um ano de ser... PRÓfessor

Um ano de ser... PRÓfessor é um espaço de reflexão destinado a todos os elementos da Comissão Pedagógica que participaram na construção deste projecto. É um ano de trabalho intenso em que face a todas as dúvidas e interrogações que acompanharam a implementação do sistema de Formação Contínua de Professores, fomos sabendo encontrar os caminhos para traçar os destinos do nosso Centro.

Adolfo Vital e Silva

Ex-Presidente do Conselho Directivo da Escola Preparatória de Matosinhos



Ana Rosa Maia

Presidente do Conselho Directivo da Escola Secundária nº 1 de Matosinhos



Na escola, a perspectiva de mudança que se pretende imprimir tendente a investir no desenvolvimento e no perfil do jovem formando cidadãos críticos, criativos, responsáveis e implicados na sociedade em que se inserem, exige do professor uma mudança de mentalidade, um grau de profissionalismo que só poderá ser adquirido através de uma formação contínua que lhe permita acompanhar a evolução do sistema, o progresso no domínio da investigação pedagógica e actualização dos seus conhecimentos técnicos e práticos.

A formação contínua, embora não seja o único factor responsável pela mudança de mentalidade e aquisição das competências que a reforma exige, poderá no entanto desempenhar um preponderante papel no revitalizar do profissionalismo docente. O Decreto-Lei nº 249/92 introduziu grandes inovações no âmbito da formação contínua realçando a autonomia do pro-

fessor e da escola. Mas uma das grandes inovações foi a criação de Centros de Formação de associações de escolas. E assim nasceu o PRÓfessor — Centro de Formação de Professores de Matosinhos, preocupado em criar um projecto crível que desse resposta às necessidades de formação dos docentes. Pretendeu ser ao longo deste ano um contributo para a melhoria da qualidade de ensino e um local de troca de experiências profissionais.

Arménio Martinho

Presidente da Comissão Instaladora da Escola de Ensino Básico Integrado da Barranha



*«Um ano de ser... PRÓfessor»
Uma vida a ser Professor...
Um esforço, continuado, persistente...*

*Uma atitude PRÓ-professor!
Pedem-me:*

*«Um Ano de ser... PRÓfessor»...
Quando quero ser PRÓfessor
SEMPRE!*

Criámos condições para erguermos

*o «PRÓfessor» e:
Proporcionámos...*

*Incentivámos...
Apostámos... em NÓS!*

Peçam-me:

*«Dez anos de ser... PRÓfessor»...
«Vinte anos de ser... PRÓfessor»...
«Sempre ser... PRÓfessor»...
Porque, como professor acredito no...
PRÓfessor!*

Elisa Agostinho

Representante do Ensino
Pré-Escolar de Matosinhos

Como elemento da Comissão Pedagógica ouço, com alguma frequência dizer tratar-se de gente que ainda ousa fascinar-se e dei comigo a pensar que foi isso exactamente que me aconteceu neste ano de ser PRÓfessor. O fascínio de pertencer a uma equipa heterogénea de profissionais de educação, a tentar organizar-se para dar corpo a uma espaço de formação que pertence a todos os que ainda desejam dizer sim à mudança. Mais do que integrada numa Comissão Pedagógica criada por decreto, sinto-me pertencer a uma equipa dinâmica e optimista que procura, com determinação, ocupar o corredor de liberdade que agora se lhe oferece. Como formadora do PRÓfessor e embora esta não seja a minha primeira experiência terei de colocar em destaque no meu currículo, esta nova dimensão. Com efeito, de formadora de catálogo começo a consolidar a dimensão que sempre aspirei e defendi: autonomia na construção de uma acção, prazer pela consciência de estar a responder aos anseios dos formandos e de usufruir de boas condições de execução.

Fátima Lopes

Presidente do Conselho Directivo
da Escola C + S
de Lavra

No seu primeiro ano de existência foi preocupação dominante deste Centro de Formação ir ao encontro às necessidades dos docentes.

A frequência das Acções de Formação e a participação nas várias actividades do PRÓfessor, permitiram um enriquecimento e troca de experiências que só valorizaram a nossa identidade de professores.



Fernanda Bolota

Ex-Presidente da Comissão
Instaladora da Escola C + S de
Lavra

O PRÓfessor, graças ao dinamismo e dedicação do seu Director e restantes membros da Comissão Pedagógica, tem vindo a afirmar-se como um centro onde as acções desenvolvidas, ao longo deste ano lectivo, se pautaram por critérios de grande competência e seriedade.

Mas, é preciso que os docentes vejam os centros de formação como organismos onde vão aprofundar e actualizar os seus conhecimentos nas diversas áreas do saber, ligadas sobretudo à prática pedagógica e, não apenas, locais de frequência obrigatória para a obtenção de créditos conducentes à progressão na carreira docente.

Só a partir desta ideia básica, poderemos dizer que os Professores portugueses, tal como os seus colegas europeus, têm acesso à formação contínua, ao longo da sua carreira.



Georgina Teixeira

Ex-Presidente do Conselho
Directivo da Escola Secundária
de Augusto Gomes - Matosinhos

O PRÓfessor nunca foi um sonho, muito menos meu. Quando nasceu o FOCO surgiram-me, de mediato, dois nomes, três, quatro... o Jorge, a Fátima, a Maria José, o Falcão. Logo era-me fácil acreditar, esperar e ver crescer o PRÓfessor.

Enquanto membro do Conselho Directivo da ESAG, o FOCO era um desafio que a Escola e Matosinhos não podiam perder, o PRÓfessor, a possibilidade de realizar sonhos. Construir uma nova comunidade educativa em Matosinhos, derrubar muros velhos entre escolas, anular as barreiras tradicionais entre



professores, gerar e gerir um espaço comum de todos, uma Escola com um projecto educativo global e único. Perante um desafio a que como presidente não podia dizer não, perante um projecto que como profissional sempre me fascinou, foi gratificante, honrou-me trabalhar durante um ano com os meus colegas na Comissão Pedagógica do PRÓfessor. Cresci com eles como profissional e como pessoa, custou a despedida em Julho de 1993... sofre-se ao deixarem-se amigos. Descobri muito sobre mim, e sobre os outros o que explica que ainda hoje esteja aqui na equipa do PRÓfessor com o único director a quem gosto de ver «mandar»... o Jorge.

Para todos nós, este primeiro projecto colectivo de 93 não mais será esquecido. Jamais seremos o que éramos há um ano atrás, como gente, como escolas.

As escolas de Matosinhos, os seus educadores e professores, o ensino estão a mudar... e nós, o PRÓfessor, incentivámos essa mudança, somos agentes de mudança.

Horácio Dá Mesquita

Presidente do Conselho Directivo da Escola Secundária da Boa Nova - Leça da Palmeira

PRÓfessor? Já quase há um ano? Xi, parece que foi ontem! Não acredito. Pois eu acredito. Nós acreditamos. Também «Eles» acreditaram e o Centro acredita e credita também. Todos acreditamos afinal. É vê-lo no seu «verde ecológico» implantado num cantinho da Secundária Augusto Gomes. Vejo-o de minha casa. Tão pequeno, mas tão grande, com as suas luzes acesas até tarde e bichas... uns que se inscrevem, outros que aguardam as horas das sessões, outros ainda que se sentam às «Mesas Redondas» e tudo para reflectirem nestas coisas da Educação, Sistema



Educativo, Reforma, Trabalho de Projecto, Área-Escola, Tecnologias de Educação... que todos julgamos saber, mas, afinal, sempre se vai ouvindo, discutindo, reflectindo, em suma, adquirindo instrumentos úteis nas tarefas do dia-a-dia do «Ser professor». E sempre se vai aprendendo: processos, conteúdos, actividades/estratégias, finalidades/objectivos, estratégias diferenciadas na sala de aula, lidar com a diferença, construindo dia-a-dia a autonomia de cada um. Não o milagre da autonomia, mas a autonomia que se constrói.

Isabel Vital

Presidente do Conselho Directivo da Escola Preparatória de Leça da Palmeira



Jorge Lima

Director do PRÓfessor

Temos o espaço, o tempo e o direito...

por demasiado tempo aceitámos que nos subtraíssem o espaço, por mesquinhez, arrogância e mediocridade foram-nos cerceando os direitos... por omissão, alheamento ou desilusão aceitámos isso.

Temos o espaço, o tempo e o direito...

*Ajudantes de compreender o mundo
potenciamos futuro...
é tempo de recuperarmos a imagem que resistimos...
é tempo de assumirmos o espaço a que temos direito...*

... o PRÓfessor é uma interpretação disso mesmo!

Lina Tavares

Presidente do Conselho Directivo da Escola Secundária de Augusto Gomes – Matosinhos



Apenas três meses de participação na Comissão Pedagógica, mas uma consciencialização lá bem remota de que uma formação contínua, que contemple as vertentes pessoal e profissional do docente, concorrerá, sem dúvida, para o sucesso e a qualidade de ensino. Dada a condição do professor como interveniente activo no processo educacional, um verdadeiro Centro de Formação deverá também perspectivar a sua dinâmica (partilha de aprendizagens e experiências entre os formandos e, porque não, numa articulação entre projectos educativos das escolas associadas e até dos seus próprios planos de actividades. Pertencer à Comissão Pedagógica de PROfessor é afinal sentir a grata cumplicidade com aquela «gente do bom-senso... que ainda ousa fascinar-se...»

M.^a de Lourdes Barbosa

Representante dos professores do 1º Ciclo do Ensino Básico



Ex.mo e Prezado Jovem:

Tem esta simples missiva o fim de lhe expressar, com todo o respeito, o que me vai na alma. Dizer-lhe, enfim, quão feliz estou, perdão, estamos, porque me atrevo a falar em nome da minha numerosa família de atentos e disponíveis membros, por podermos festejar o Vosso primeiro aniversário. Quis o Todo Poderoso entusiasmo (entusiasmo, claro) dum data de gente que, como dizia o outro senhor, é altamente qualificada em «Ajudantes de compreender o Mundo» e acrescento eu, especialistas em operários da sua nunca acabada construção, quis o referido Todo Poderoso que, apesar das moléstiazinhas infantis, da far-

mácia que não aviava o leitinho a tempo, das receitas com medicamentos que tinham que ser mudados à última hora, etc. e tal, Você crescesse escurritinho de corpo, coluna bem vertical, perímetro cefálico adequado e permita-me, irrequieto, desacomodado e desacomodador, questionador...

E como esta já vai longa e não quero maçar mais, eu e a minha família aproveitamos para lhe desejar um feliz aniversário e uma longa e «boa» vida, disponibilizando-nos desde já para tudo o que for preciso.

Com elevada consideração,

Maria de Lourdes Barbosa

p.s. junto envio a foto pedida, apresentando desculpas pela minha irremediável falta de fotogenia.

Olga Bessa

Presidente do Conselho Directivo da Escola Preparatória de Matosinhos



Chama-se Programa FOCO. Começou há um ano no Centro de Formação de Professores de Matosinhos, a funcionar na Escola Secundária de Augusto Gomes. Durante todo este tempo deu formação a centenas de professores que a ele acorreram, procurando não só os créditos, mas, acima de tudo, uma formação que, neste virar de página do novo sistema educativo, se apresenta como um novo desafio a vencer.

Abertos à mudança, aqueles que frequentaram os cursos foram trocando ideias, opiniões... Já começaste o teu trabalho?... O meu grupo foi o máximo!... e creio que entre formadores e formandos se estabeleceram laços de amizade e de confiança mútuas.

Espero que este trabalho continue para melhorar a imagem do professor de tal modo que ela seja cada vez mais:

*Firme
InOvador
Criativa
FOrte*

As acções em números

O nosso Plano de Formação, que apresentámos em 11 de Janeiro, em conferência de imprensa convocada para o efeito, é um plano para três anos, ou seja, vigora até 1995.

Este ano cumprimos apenas 50% desse plano – realizámos 11 acções, o que corresponde a 27 turmas e 708 lugares de formação.

O Quadro I parece mostrar a parte que cumprimos em 1993, mas, de facto, não mostra! Falta-lhe todo o empenho, a qualidade e o esforço que todos os envolvidos, formandos, formadores, Comissão Pedagógica e equipa de colaboradores do PRÓfessor, foram capazes para lhe dar forma e sentido.

Se ainda não sabe

TEM QUE LER

Acções do PRÓfessor realizadas em 1993

Acção	Curso	Turmas	Nº de formandos
III — O Professor, a dinamização da Escola e das relações com o meio	1. Direcção de Turma	2	60
	2. Área-Escola: A Escola, a Comunidade, a Animação	3	60
IV — O Professor e o alurto	2. Preocupação com o aluno como pessoa	2	40
	3. Comunicação na aula	3	60
	4. Trabalho de projecto	2	50
	6. Lidar com a diferença	2	60
	7. Planificação do ensino-aprendizagem em Jardins de Infância	2	60
V — O Professor e os meios auxiliares de ensino	4. O Computador no dia-a-dia do professor	6	120
	7. A Organização dos Centros de Recursos Educativos e das Mediatecas Escolares — Um Meio para a Inovação Educacional	1	18
VI — O Professor e a carreira.	1. A Identidade Profissional do docente	2	60
VII — O Professor, a sua especialidade e a didáctica dela	1. Didáctica da Língua Portuguesa	2	120
Totais	11. Acções	27	708



Todos nós devemos sentir-nos satisfeitos, sem falsas modéstias, pela forma como soubemos interpretar «isto» que é o PRÓfessor – Centro de Formação de Professores de Matosinhos.

A imagem do Professor ganhou com todos nós!

Acreditação

Este ano, das 21 acções que apresentámos para acreditação, ao CCFCP – Conselho Coordenador de Formação Contínua de Professores, vinte foram acreditadas, acreditação que é válida até Dezembro de 1994, e uma encontra-se em processo de acreditação.

Financiamento

Submetemos ao Programa FOCO vinte e uma acções. Onze, as que o quadro mostra, foram financiadas. A gestão e execução desses cofinanciamentos é complexa e de contornos intrincados mas a equipa de colaboradores do PRÓfessor tem dado boa conta do recado em estreita colaboração com as Presidentes dos Conselhos Administrativos da Escola Secundária de Augusto Gomes – Matosinhos, actual e cessante, cujo trabalho gostaríamos de enaltecer aqui, respectivamente, a Neli Albuquerque e Luísa Faria.

Avaliação das acções realizadas

A avaliação é um processo inerente a qualquer actividade que realizamos e quem, como nós, na qualidade de docentes, a pratica todos os dias relativamente não só aos alunos como, obviamente, em relação a

todas as outras actividades, não poderá portanto estranhar que também as nossas acções estejam sujeitas a um processo de avaliação.

Deve exigir, isso sim, que esse processo seja, efectivamente, um processo de avaliação potenciador de uma melhoria de qualidade em todos os sentidos.

O processo de avaliação das acções do PRÓfessor que criámos visa, claro está, essa melhoria e compreende três espaços principais.

O primeiro é de avaliação contínua realizado ao longo da acção pelos formandos e formador e potencia o próprio desenrolar da acção pois fornece indicadores importantes de prestação a todos os intervenientes.

O segundo espaço é próximo do final da acção e tem como instrumento um trabalho individual globalizante, realizado pelo formando, dos assuntos tratados na acção, com o grau de aprofundamento e ligação à prática docente que é determinado e estruturado em moldes definidos por formandos e formador. Este trabalho é depois classificado pelo formador e entregue ao PRÓfessor, passando a integrar o dossier da acção podendo, eventualmente, por sugestão do formador, vir a ser publicado nesta revista na secção PUBLIQUE-SE.

O terceiro espaço de avaliação tem início no último dia da acção com o preenchimento pelo formando de um documento de avaliação proposto pelo PRÓfessor onde se pretende avaliar desde o espaço físico em que decorreu a acção, ao calendário e horário até à prestação do formador.

Os resultados deste inquérito são depois tratados pelo PRÓfessor e constituem indicador determinante para novas realizações dessa acção.

Nas páginas seguintes apresentamos o relatório-síntese de avaliação de cada uma das acções, realizadas este ano, elaborado com base nos resultados obtidos nesse inquérito.

PRÓfessor				AVALIAÇÃO DAS ACÇÕES														1993	
Centro de Formação de Professores de Matosinhos				Relatório															
Ação	III	O Professor, a dinamização da Escola e das relações com o meio												Hores por turma		90			
Curso	1	Direcção de Turma												Turmas		A	B		
Cálculos																			
	I.3	II-A.1	II-A.2	II-A.3	II-B.1	II-B.2	II-B.3	II-C.2	II-D.1	II-D.2	II-D.3	II-D.4	II-D.5	II-E.1	II-E.2	II-E.3	II-F.1	II-F.2	
1	0				0	0	0	0						0	0	0	0	0	
2	1				1	3	1	1						0	0	0	0	1	
3	18				15	23	20	22						7	4	9	3	9	
4	21				24	14	19	16						33	36	20	34	26	
NR	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	11	3	4	
Média	3,50				3,58	3,28	3,45	3,38						3,83	3,90	3,69	3,92	3,69	
Atrod.	4				4	3	3	3						4	4	4	4	4	
Desvio	0,55				0,55	0,60	0,55	0,54						0,38	0,30	0,47	0,28	0,52	
A		37	34	34					40	37	36	39	39						
I		2	6	6					0	3	4	1	1						
% A		93%	85%	85%					100%	93%	90%	98%	98%						
Leitura global da avaliação da acção														88%					
Leitura global da avaliação da acção com base nos resultados intermédios														92%					
Discriminação dos resultados																			
AVALIAÇÃO GERAL																			
I.3.	Impressão global							88%											
AVALIAÇÃO EM PORMENOR																			
A. Calendário horário																			
II.A.1.	Momento do ano lectivo							93%											
II.A.2.	Distribuição das horas na semana							85%											
II.A.3.	Número de horas por semana							85%											
B. Conteúdos abordados																			
II.B.1.	Adequação da escolha							89%											
II.B.2.	Grau de aprofundamento							82%											
II.B.3.	Tratamento							86%											
C. Metodologias utilizadas																			
II.C.2.	Grau de adequação a cada situação							85%											
D. Condições físicas																			
II.D.1.	Localização da acção							100%											
II.D.2.	Nº de formandos na turma							93%											
II.D.3.	Equipamento disponível							90%											
II.D.4.	Sala							98%											
II.D.5.	Materiais fornecidos							98%											
E. Relações humanas																			
II.E.1.	Ambiente de trabalho com os colegas							96%											
II.E.2.	Relação com os formadores							98%											
II.E.3.	Relação com outros elementos do Centro							92%											
F. Eficácia global da acção																			
II.F.1.	Relação entre objectivos/consecução							98%											
II.F.2.	Efeitos esperados na prática docente							92%											

PRÓfessor		AVALIAÇÃO DAS ACÇÕES										1993						
Centro de Formação de Professores de Matosinhos		Relatório																
Ação	III	O Professor, a dinamização da Escola e das relações com o meio										Horas por turma		90				
Curso	2	Área-Escola - A Escola, a Comunidade, a Animação										Turmas		A, B, C				
Cálculos																		
	I.3.	II-A.1.	II-A.2.	II-A.3.	II-B.1.	II-B.2.	II-B.3.	II-C.2.	II-D.1.	II-D.2.	II-D.3.	II-D.4.	II-D.5.	II-E.1.	II-E.2.	II-E.3.	II-F.1.	II-F.2.
1	0				0	0	0	0						0	0	0	0	0
2	0				4	12	2	2						0	0	5	2	6
3	37				29	43	43	53						10	15	16	11	33
4	24				28	6	15	5						51	46	36	48	21
NR	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	4	0	1
Média	3,39				3,39	2,90	3,22	3,05						3,84	3,75	3,54	3,75	3,25
Atrel.	3				3	3	3	3						4	4	4	4	3
Desvio	0,49				0,59	0,53	0,49	0,34						0,38	0,43	0,66	0,50	0,63
A		53	42	50					59	59	59	42	56					
I		8	19	11					1	2	2	19	5					
% A		87%	69%	82%					97%	97%	97%	69%	92%					
Leitura global da avaliação da acção												85%						
Leitura global da avaliação da acção com base nos resultados intermédios												86%						
Discriminação dos resultados																		
AVALIAÇÃO GERAL																		
I.3.	Impressão global							85%										
AVALIAÇÃO EM PORMENOR																		
A. Calendário horário																		
II.A.1.	Momento do ano lectivo							87%										
II.A.2.	Distribuição das horas na semana							69%										
II.A.3.	Número de horas por semana							82%										
B. Conteúdos abordados																		
II.B.1.	Adequação da escolha							85%										
II.B.2.	Grau de aprofundamento							73%										
II.B.3.	Tratamento							80%										
C. Metodologias utilizadas																		
II.C.2.	Grau de adequação a cada situação							76%										
D. Condições físicas																		
II.D.1.	Localização da acção							97%										
II.D.2.	Nº de formandos na turma							97%										
II.D.3.	Equipamento disponível							97%										
II.D.4.	Sala							69%										
II.D.5.	Materiais fornecidos							92%										
E. Relações humanas																		
II.E.1.	Ambiente de trabalho com os colegas							96%										
II.E.2.	Relação com os formadores							94%										
II.E.3.	Relação com outros elementos do Centro							89%										
F. Eficácia global da acção																		
II.F.1.	Relação entre objectivos/consecução							94%										
II.F.2.	Efeitos esperados na prática docente							81%										

PRÓfessor										AVALIAÇÃO DAS ACCÇÕES								1993			
Centro de Formação de Professores de Matosinhos										Relatório											
Acção	IV	O Professor e o aluno								Horas por turma		60									
Curso	2	Preocupação com o aluno como pessoa								Turmas		A	B								
Cálculos																					
	I.3.	II-A.1.	II-A.2.	II-A.3.	II-B.1.	II-B.2.	II-B.3.	II-C.2.	II-D.1.	II-D.2.	II-D.3.	II-D.4.	II-D.5.	II-E.1.	II-E.2.	II-E.3.	II-F.1.	II-F.2.			
1	0				0	0	0	0						0	0	3	0	0			
2	0				0	2	0	1						0	0	1	0	0			
3	10				3	22	13	10						1	0	4	3	13			
4	28				37	15	27	29						38	40	9	37	25			
NR	2	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	23	0	2			
Média	3,74				3,93	3,33	3,68	3,70						3,97	4,00	3,12	3,93	3,66			
Améd.	4				4	3	4	4						4	4	3	4	4			
Desvio	0,45				0,27	0,58	0,47	0,52						0,16	0,00	1,17	0,27	0,48			
A		36	34	34					35	39	32	13	40								
I		4	6	6					5	1	8	26	0								
% A		90%	85%	85%					88%	98%	80%	33%	100%								
Leitura global da avaliação da acção												83%									
Leitura global da avaliação da acção com base nos resultados intermédios												88%									
Discriminação dos resultados																					
AVALIAÇÃO GERAL																					
I.3.	Impressão global							93%													
AVALIAÇÃO EM PORMENOR										D. Condições físicas											
A. Calendário horário										II.D.1. Localização da acção								88%			
II.A.1. Momento do ano lectivo										90%		II.D.2. Nº de formandos na turma								98%	
II.A.2. Distribuição das horas na semana										85%		II.D.3. Equipamento disponível								80%	
II.A.3. Número de horas por semana										85%		II.D.4. Sala								33%	
B. Conteúdos abordados										II.D.5. Materiais fornecidos								100%			
II.B.1. Adequação da escolha										98%		E. Relações humanas									
II.B.2. Grau de aprofundamento										83%		II.E.1. Ambiente de trabalho com os colegas								99%	
II.B.3. Tratamento										92%		II.E.2. Relação com os formadores								100%	
C. Metodologias utilizadas										II.E.3. Relação com outros elementos do Centro								78%			
II.C.2. Grau de adequação a cada situação										93%		F. Eficácia global da acção									
										II.F.1. Relação entre objectivos/consecução								98%			
										II.F.2. Efeitos esperados na prática docente								91%			

PRÓfessor				AVALIAÇÃO DAS ACÇÕES													1993		
Centro de Formação de Professores de Matosinhos				Relatório															
Acção	IV	O Professor e o aluno															Horas por turma		72
Curso	3	Comunicação na aula															Turmas		A, B, C
Cálculos																			
	I.3.	II-A.1	II-A.2	II-A.3	II-B.1	II-B.2	II-B.3	II-C.2	II-D.1	II-D.2	II-D.3	II-D.4	II-D.5	II-E.1	II-E.2	II-E.3	II-F.1	II-F.2	
1	0				0	0	0	0						0	0	3	0	0	
2	0				0	0	0	0						0	0	3	0	2	
3	11				13	35	15	17						5	4	11	1	21	
4	47				44	23	43	36						53	53	20	57	31	
NR	0	2	1	1	1	0	0	5	0	0	1	2	0	0	1	21	0	4	
Média	3,81				3,77	3,40	3,74	3,68						3,91	3,93	3,30	3,98	3,54	
Arred.	4				4	3	4	4						4	4	3	4	4	
Desvio	0,40				0,42	0,49	0,44	0,47						0,28	0,26	0,94	0,13	0,57	
A		46	49	48					57	58	55	54	58						
I		10	8	9					1	0	2	2	0						
% A		79%	84%	83%					98%	100%	95%	93%	100%						
Leitura global da avaliação da acção													85%						
Leitura global da avaliação da acção com base nos resultados intermédios													92%						
Discriminação dos resultados																			
AVALIAÇÃO GERAL																			
I.3.	Impressão global															95%			
AVALIAÇÃO EM PORMENOR																			
A. Calendário horário																			
II.A.1.	Momento do ano lectivo															79%			
II.A.2.	Distribuição das horas na semana															84%			
II.A.3.	Número de horas por semana															83%			
B. Conteúdos abordados																			
II.B.1.	Adequação da escolha															94%			
II.B.2.	Grau de aprofundamento															85%			
II.B.3.	Tratamento															94%			
C. Metodologias utilizadas																			
II.C.2.	Grau de adequação a cada situação															92%			
D. Condições físicas																			
II.D.1.	Localização da acção															98%			
II.D.2.	Nº de formandos na turma															100%			
II.D.3.	Equipamento disponível															95%			
II.D.4.	Sala															93%			
II.D.5.	Materiais fornecidos															100%			
E. Relações humanas																			
II.E.1.	Ambiente de trabalho com os colegas															98%			
II.E.2.	Relação com os formadores															98%			
II.E.3.	Relação com outros elementos do Centro															82%			
F. Eficácia global da acção																			
II.F.1.	Relação entre objectivos/consecução															100%			
II.F.2.	Efeitos esperados na prática docente															88%			

PRÓfessor		AVALIAÇÃO DAS ACÇÕES												1993				
Centro de Formação de Professores de Matosinhos		Relatório																
Acção	IV	O Professor e o aluno												Horas por turma		60		
Curso	4	O Trabalho de Projecto												Turmas		A	B	
Cálculos																		
	I.3.	II-A.1	II-A.2	II-A.3	II-B.1	II-B.2	II-B.3	II-C.2	II-D.1	II-D.2	II-D.3	II-D.4	II-D.5	II-E.1	II-E.2	II-E.3	II-F.1	II-F.2
1	0				0	0	0	0						0	0	0	0	1
2	1				0	2	4	1						1	3	5	0	0
3	14				11	15	9	16						5	6	10	3	15
4	29				33	28	32	27						38	35	22	41	24
NR	1	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	8	1	5
Média	3,64				3,75	3,58	3,62	3,59						3,84	3,73	3,46	3,93	3,55
Atrod.	4				4	4	4	4						4	4	3	4	4
Desvio	0,53				0,44	0,58	0,65	0,54						0,43	0,59	0,73	0,25	0,64
A		39	39	42					44	44	43	35	43					
I		6	6	3					0	1	2	10	2					
% A		87%	87%	93%					98%	98%	96%	78%	96%					
Leitura global da avaliação da acção														91%				
Leitura global da avaliação da acção com base nos resultados intermédios														92%				
Discriminação dos resultados																		
AVALIAÇÃO GERAL																		
I.3.	Impressão global														91%			
AVALIAÇÃO EM PORMENOR																		
A. Calendário horário																		
II.A.1.	Momento do ano lectivo														87%			
II.A.2.	Distribuição das horas na semana														87%			
II.A.3.	Número de horas por semana														93%			
B. Conteúdos abordados																		
II.B.1.	Adequação da escolha														94%			
II.B.2.	Grau de aprofundamento														89%			
II.B.3.	Tratamento														91%			
C. Metodologias utilizadas																		
II.C.2.	Grau de adequação a cada situação														90%			
D. Condições físicas																		
II.D.1.	Localização da acção														98%			
II.D.2.	Nº de formandos na turma														98%			
II.D.3.	Equipamento disponível														96%			
II.D.4.	Sala														78%			
II.D.5.	Materiais fornecidos														96%			
E. Relações humanas																		
II.E.1.	Ambiente de trabalho com os colegas														96%			
II.E.2.	Relação com os formadores														93%			
II.E.3.	Relação com outros elementos do Centro														86%			
F. Eficácia global da acção																		
II.F.1.	Relação entre objectivos/consecução														98%			
II.F.2.	Efeitos esperados na prática docente														89%			

PRÓfessor				AVALIAÇÃO DAS ACÇÕES														1993			
Centro de Formação de Professores de Matosinhos				Relatório																	
Acção	IV	O Professor e o aluno																Horas por turma		90	
Curso	6	Lidar com a diferença																Turmas		A	B
Cálculos																					
	I.3.	II-A.1.	II-A.2.	II-A.3.	II-B.1.	II-B.2.	II-B.3.	II-C.2.	II-D.1.	II-D.2.	II-D.3.	II-D.4.	II-D.5.	II-E.1.	II-E.2.	II-E.3.	II-F.1.	II-F.2.			
1	0				0	0	0	0						0	0	1	0	0			
2	0				0	0	0	0						0	0	0	0	0			
3	4				3	8	2	5						2	2	6	0	10			
4	32				34	29	35	31						35	35	15	37	27			
NR	1	0	1	1	0	0	0	1	0	0	1	1	2	0	0	15	0	0			
Média	3,89				3,92	3,78	3,95	3,86						3,95	3,95	3,59	4,00	3,73			
Arrod.	4				4	4	4	4						4	4	4	4	4			
Desvio	0,32				0,28	0,42	0,23	0,35						0,23	0,23	0,73	0,00	0,45			
A		27	27	25					36	37	31	25	34								
I		10	9	11					1	0	5	11	1								
% A		73%	73%	68%					97%	100%	84%	68%	92%								
Leitura global da avaliação da acção														97%							
Leitura global da avaliação da acção com base nos resultados intermédios														90%							
Discriminação dos resultados																					
AVALIAÇÃO GERAL																					
I.3.	Impressão global							97%													
AVALIAÇÃO EM PORMENOR																					
A. Calendário horário																					
II.A.1.	Momento do ano lectivo							73%													
II.A.2.	Distribuição das horas na semana							73%													
II.A.3.	Número de horas por semana							68%													
B. Conteúdos abordados																					
II.B.1.	Adequação da escolha							98%													
II.B.2.	Grau de aprofundamento							95%													
II.B.3.	Tratamento							99%													
C. Metodologias utilizadas																					
II.C.2.	Grau de adequação a cada situação							97%													
D. Condições físicas																					
II.D.1.	Localização da acção							97%													
II.D.2.	Nº de formandos na turma							100%													
II.D.3.	Equipamento disponível							84%													
II.D.4.	Sala							68%													
II.D.5.	Materiais fornecidos							92%													
E. Relações humanas																					
II.E.1.	Ambiente de trabalho com os colegas							99%													
II.E.2.	Relação com os formadores							99%													
II.E.3.	Relação com outros elementos do Centro							90%													
F. Eficácia global da acção																					
II.F.1.	Relação entre objectivos/consecução							100%													
II.F.2.	Efeitos esperados na prática docente							93%													

PRÓfessor										AVALIAÇÃO DAS ACÇÕES								1993	
Centro de Formação de Professores de Metosinhos										Relatório									
Acção	IV	O Professor e aluno								Horas por turma		66							
Curso	7	Planificação do ensino-aprendizagem em Jardins de Infância								Turmas		A	B						
Cálculos																			
	I.3.	II-A.1.	II-A.2.	II-A.3.	II-B.1.	II-B.2.	II-B.3.	II-C.2.	II-D.1.	II-D.2.	II-D.3.	II-D.4.	II-D.5.	II-E.1.	II-E.2.	II-E.3.	II-F.1.	II-F.2.	
1	0				0	0	0	0						0	0	1	0	0	
2	0				0	6	0	0						0	0	6	0	2	
3	18				7	21	13	26						8	5	14	6	10	
4	37				50	30	44	30						49	52	30	50	42	
NR	2	0	3	4	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	6	1	3	
Média	3,67				3,88	3,42	3,77	3,54						3,86	3,91	3,43	3,89	3,74	
Arred.	4				4	3	4	4						4	4	3	4	4	
Desvio	0,47				0,33	0,68	0,42	0,50						0,35	0,29	0,78	0,31	0,52	
A		30	38	33					55	57	55	48	52						
I		27	16	20					1	0	2	9	5						
% A		53%	67%	58%					96%	100%	96%	84%	91%						
Leitura global da avaliação da acção												92%							
Leitura global da avaliação da acção com base nos resultados intermédios												87%							
Discriminação dos resultados																			
AVALIAÇÃO GERAL																			
I.3.	Impressão global							92%											
AVALIAÇÃO EM PORMENOR																			
A. Calendário horário																			
II.A.1.	Momento do ano lectivo						53%												
II.A.2.	Distribuição das horas na semana						67%												
II.A.3.	Número de horas por semana						58%												
B. Conteúdos abordados																			
II.B.1.	Adequação da escolha						97%												
II.B.2.	Grau de aprofundamento						86%												
II.B.3.	Tratamento						94%												
C. Metodologias utilizadas																			
II.C.2.	Grau de adequação a cada situação						88%												
D. Condições físicas																			
II.D.1.	Localização da acção						96%												
II.D.2.	Nº de formandos na turma						100%												
II.D.3.	Equipamento disponível						96%												
II.D.4.	Sala						84%												
II.D.5.	Materiais fornecidos						91%												
E. Relações humanas																			
II.E.1.	Ambiente de trabalho com os colegas						96%												
II.E.2.	Relação com os formadores						98%												
II.E.3.	Relação com outros elementos do Centro						86%												
F. Eficácia global da acção																			
II.F.1.	Relação entre objectivos/consecução						97%												
II.F.2.	Efeitos esperados na prática docente						94%												

PRÓfessor				AVALIAÇÃO DAS ACÇÕES												1993			
Centro de Formação de Professores de Matosinhos				Relatório															
Ação	V	O Professor e os meios auxiliares de ensino														Horas por turma	60		
Curso	4	O Computador no dia-a-dia do professor														Turmas	A. C. 0		
Cálculos																			
	I.3.	II-A.1.	II-A.2.	II-A.3.	II-B.1.	II-B.2.	II-B.3.	II-C.1.	II-D.1.	II-D.2.	II-D.3.	II-D.4.	II-D.5.	II-E.1.	II-E.2.	II-E.3.	II-F.1.	II-F.2.	
1	0				0	0	0	0						0	0	0	0	0	
2	0				0	1	0	0						0	0	2	1	1	
3	9				5	18	12	10						9	3	7	2	17	
4	31				33	21	27	25						31	37	26	37	22	
NR	0	0	1	1	1	0	1	5	0	1	0	1	0	0	0	5	0	0	
Média	3,78				3,87	3,50	3,69	3,71						3,78	3,93	3,69	3,90	3,53	
Arred.	4				4	4	4	4						4	4	4	4	4	
Desvio	0,42				0,34	0,55	0,47	0,46						0,42	0,27	0,58	0,38	0,55	
A		33	25	24					39	37	30	26	39						
I		7	14	15					1	2	10	13	1						
% A		83%	63%	60%					98%	93%	75%	65%	98%						
Leitura global da avaliação da acção													94%						
Leitura global da avaliação da acção com base nos resultados intermédios													87%						
Discriminação dos resultados																			
AVALIAÇÃO GERAL																			
I.3.	Impressão global														94%				
AVALIAÇÃO EM PORMENOR																			
A. Calendário horário																			
II.A.1.	Momento do ano lectivo														83%				
II.A.2.	Distribuição das horas na semana														63%				
II.A.3.	Número de horas por semana														60%				
B. Conteúdos abordados																			
II.B.1.	Adequação da escolha														97%				
II.B.2.	Grau de aprofundamento														88%				
II.B.3.	Tratamento														92%				
C. Metodologias utilizadas																			
II.C.2.	Grau de adequação a cada situação														93%				
D. Condições físicas																			
II.D.1.	Localização da acção														98%				
II.D.2.	Nº de formandos na turma														93%				
II.D.3.	Equipamento disponível														75%				
II.D.4.	Sala														65%				
II.D.5.	Materiais fornecidos														98%				
E. Relações humanas																			
II.E.1.	Ambiente de trabalho com os colegas														94%				
II.E.2.	Relação com os formadores														98%				
II.E.3.	Relação com outros elementos do Centro														92%				
F. Eficácia global da acção																			
II.F.1.	Relação entre objectivos/consecução														98%				
II.F.2.	Efeitos esperados na prática docente														88%				

PRÓfessor										AVALIAÇÃO DAS ACÇÕES								1993	
Centro de Formação de Professores de Matosinhos										Relatório									
Acção VI O Professor e a carreira																		Horas por turma 66	
Curso I A Identidade Profissional da Docente																		Turmas A 0	
Cálculos																			
I.3.	II-A.1.	II-A.2.	II-A.3.	II-B.1.	II-B.2.	II-B.3.	II-C.2.	II-D.1.	II-D.2.	II-D.3.	II-D.4.	II-D.5.	II-E.1.	II-E.2.	II-E.3.	II-F.1.	II-F.2.		
1	0			0	0	0	0						0	0	0	0	1		
2	0			0	3	0	0						0	0	1	0	0		
3	8			6	13	13	16						5	0	1	2	16		
4	21			22	12	15	9						24	29	18	27	11		
NR	0	0	0	1	1	1	4	0	0	0	1	0	0	0	9	0	1		
Média	3,72			3,79	3,32	3,54	3,36						3,83	4,00	3,85	3,93	3,32		
Arred.	4			4	3	4	3						4	4	4	4	3		
Desvio	0,45			0,42	0,67	0,51	0,49						0,38	0,00	0,49	0,26	0,67		
A	18	20	22					28	24	29	17	29							
I	11	9	6					1	5	0	11	0							
% A	62%	69%	76%					97%	83%	100%	59%	100%							
Leitura global da avaliação da acção												93%							
Leitura global da avaliação da acção com base nos resultados intermédios												86%							
Discriminação dos resultados																			
AVALIAÇÃO GERAL																			
I.3.	Impressão global						93%												
AVALIAÇÃO EM PORMENOR																			
A. Calendário horário																			
II.A.1.	Momento do ano lectivo						62%												
II.A.2.	Distribuição das horas na semana						69%												
II.A.3.	Número de horas por semana						76%												
B. Conteúdos abordados																			
II.B.1.	Adequação da escolha						95%												
II.B.2.	Grau de aprofundamento						83%												
II.B.3.	Tratamento						88%												
C. Metodologias utilizadas																			
II.C.2.	Grau de adequação a cada situação						84%												
D. Condições físicas																			
II.D.1.	Localização da acção						97%												
II.D.2.	Nº de formandos na turma						83%												
II.D.3.	Equipamento disponível						100%												
II.D.4.	Sala						59%												
II.D.5.	Materiais fornecidos						100%												
E. Relações humanas																			
II.E.1.	Ambiente de trabalho com os colegas						96%												
II.E.2.	Relação com os formadores						100%												
II.E.3.	Relação com outros elementos do Centro						96%												
F. Eficácia global da acção																			
II.F.1.	Relação entre objectivos/consecução						98%												
II.F.2.	Efeitos esperados na prática docente						83%												

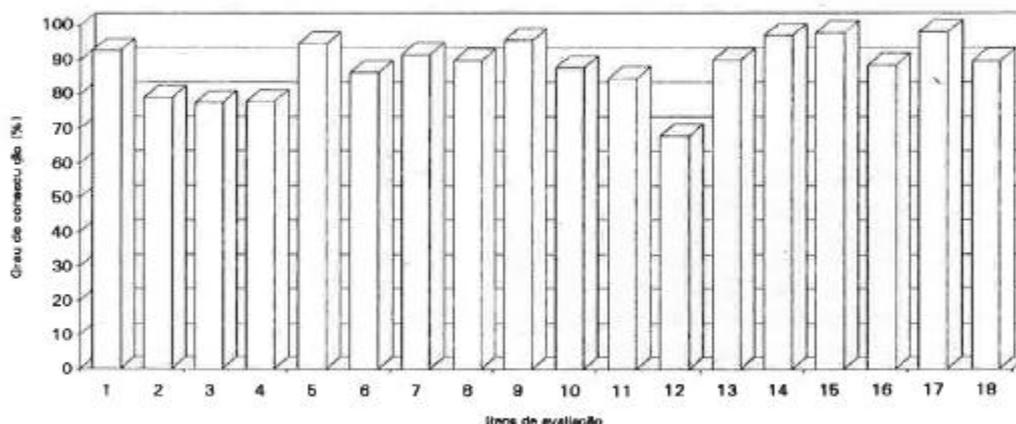
PRÓfessor				AVALIAÇÃO DAS ACÇÕES										1993				
Centro de Formação de Professores de Matosinhos				Relatório														
Acção	VIII	O Professor, a sua especialidade e a didáctica dela										Horas por turma		66				
Curso	1	Didáctica da Língua Portuguesa										Turmas		A	B			
Cálculos																		
	I.3.	II-A.1.	II-A.2.	II-A.3.	II-B.1.	II-B.2.	II-B.3.	II-C.2.	II-D.1.	II-D.2.	II-D.3.	II-D.4.	II-D.5.	II-E.1.	II-E.2.	II-E.3.	II-F.1.	II-F.2.
1	0				0	0	0	0						0	0	0	0	0
2	0				0	0	0	0						0	0	2	0	1
3	6				6	3	3	6						4	3	23	6	11
4	102				105	108	108	99						107	106	71	104	97
NR	3	1	3	6	0	0	0	6	3	3	4	0	25	0	2	15	1	2
Média	3,94				3,95	3,97	3,97	3,94						3,96	3,97	3,72	3,95	3,88
Arred.	4				4	4	4	4						4	4	4	4	4
Desvio	0,23				0,30	0,13	0,18	0,31						0,25	0,22	0,56	0,30	0,44
A		50	59	59					54	9	20	19	20					
I		9	1	1					5	48	37	41	18					
% A		83%	94%	89%					87%	15%	33%	32%	32%					
Leitura global da avaliação da acção												99%						
Leitura global da avaliação da acção com base nos resultados intermédios												79%						
Discriminação dos resultados																		
AVALIAÇÃO GERAL																		
I.3.	Impressão global										99%							
AVALIAÇÃO EM PORMENOR																		
A. Calendário horário																		
II.A.1.	Momento do ano lectivo						83%											
II.A.2.	Distribuição das horas na semana						94%											
II.A.3.	Número de horas por semana						89%											
B. Conteúdos abordados																		
II.B.1.	Adequação da escolha						99%											
II.B.2.	Grau de aprofundamento						99%											
II.B.3.	Tratamento						99%											
C. Metodologias utilizadas																		
II.C.2.	Grau de adequação a cada situação						99%											
D. Condições físicas																		
II.D.1.	Localização da acção						87%											
II.D.2.	Nº de formandos na turma						15%											
II.D.3.	Equipamento disponível						33%											
II.D.4.	Sala						32%											
II.D.5.	Materiais fornecidos						32%											
E. Relações humanas																		
II.E.1.	Ambiente de trabalho com os colegas						99%											
II.E.2.	Relação com os formadores						99%											
II.E.3.	Relação com outros elementos do Centro						93%											
F. Eficácia global da acção																		
II.F.1.	Relação entre objectivos/consecução						99%											
II.F.2.	Efeitos esperados na prática docente						97%											

Se reunirmos os resultados obtidos nestes relatórios-síntese de avaliação das acções realizadas num único, obteremos uma síntese global da apreciação das acções feita por todos os formandos nelas envolvidos, como o gráfico mostra.

Da sua análise, pensamos que resultam motivos de satisfação e que temos boas razões para continuarmos a trabalhar. No próximo ano todos saberemos, certamente, fazer melhor.

PRÓfessor		AVALIAÇÃO DAS ACÇÕES														1993			
Centro de Formação de Professores de Matosinhos		Relatório-síntese																	
Acção	Todas as acções																		
Curso	Todos os cursos																		
I - A.g.		II - Avaliação em pormenor																	
Acção	Curso	I.3.	II - A.1.	II - A.2.	II - A.3.	II - B.1.	II - B.2.	II - B.3.	II - C.2.	II - D.1.	II - D.2.	II - D.3.	II - D.4.	II - D.5.	II - E.1.	II - E.2.	II - E.3.	II - F.1.	II - F.2.
III	1	88	93	86	86	89	82	86	86	100	93	80	98	98	96	98	92	98	92
III	2	86	87	89	82	85	73	80	76	97	97	87	89	82	96	94	89	94	81
IV	2	93	90	85	85	98	83	92	93	88	98	80	33	100	99	100	78	98	91
IV	3	95	79	84	83	94	85	94	92	98	100	95	93	100	98	98	82	100	88
IV	4	91	87	87	93	94	89	91	90	98	98	96	78	96	96	93	86	98	89
IV	6	87	73	73	68	98	95	99	97	97	100	84	68	92	99	99	90	100	93
IV	7	92	53	67	58	97	86	94	88	96	100	96	84	91	98	98	86	97	94
V*	4	94	83	83	60	97	88	92	93	98	93	75	85	98	94	98	92	98	88
V**	7																		
VI*	1	93	82	69	76	95	83	88	84	97	83	100	59	100	96	100	96	98	83
VIII	1	99	83	94	89	89	99	99	99	87	15	33	32	32	99	99	93	99	97
	Média	93	79	78	78	95	86	92	90	96	88	85	68	90	97	98	83	98	90
* Considerações apenas as turmas que já terminaram										** Esta acção tem uma turma única que ainda não terminou									
Avaliação geral										D. Condições físicas									
(1)	L3.	Impressão global						93%		(9)	II.D.1.	Localização da acção						98%	
A. Calendário horário										(10)	II.D.2.	Nº de formandos na turma						88%	
(2)	II.A.1.	Momento do ano lectivo						79%		(11)	II.D.3.	Equipamento disponível						85%	
(3)	II.A.2.	Distribuição das horas na semana						78%		(12)	II.D.4.	Sala						68%	
(4)	II.A.3.	Número de horas por semana						78%		(13)	II.D.5.	Materiais fornecidos						90%	
B. Conteúdos abordados										E. Relações humanas									
(5)	II.B.1.	Adequação da escolha						95%		(14)	II.E.1.	Ambiente de trabalho com os colegas						97%	
(6)	II.B.2.	Grau de aprofundamento						86%		(15)	II.E.2.	Relação com os formadores						98%	
(7)	II.B.3.	Tratamento						92%		(16)	II.E.3.	Relação com outros elementos do Centro						88%	
C. Metodologias utilizadas										F. Eficácia global da acção									
(8)	II.C.2.	Grau de adequação a cada situação						90%		(17)	II.F.1.	Relação entre objectivos/consecução						98%	
										(18)	II.F.2.	Efeitos esperados na prática docente						90%	

AVALIAÇÃO DAS ACÇÕES PELOS FORMANDOS - 1993



à conversa com...

Professor Doutor Bártolo Paiva Campos

*Presidente do Conselho Coordenador da Formação Contínua de Professores,
Presidente do Instituto de Inovação Educacional,
Professor da Universidade do Porto.*

P₁. *Gostaria que começasse por nos explicar, para quem ainda não conheça, qual o âmbito de acção do Conselho Coordenador de Formação Contínua de Professores.*

R₁. É este Conselho que tem o poder de decisão sobre a acreditação de entidades formadoras e de acções de formação, a atribuição da qualificação de formador especialista a não docentes e a docentes não reconhecidos directamente pelo Regime Jurídico como formadores ou como formadores especialistas, a creditação da formação obtida no estrangeiro e da formação especializada e a definição de alguns aspectos relativos às modalidades de estágio, de projecto e de círculo de estudos.

Foi, sobretudo, neste âmbito que se desenvolveu a actividade do Conselho durante os primeiros meses da sua actuação, tanto mais que, nos termos do Decreto-Lei instituinte do sistema de formação contínua, o ano lectivo 92-93 devia ser consagrado à criação das estruturas necessárias ao funcionamento deste. A actividade deste ano pode ter dado a

impressão de que o Conselho se ocupa de burocracias; na verdade, com o actual Regime Jurídico, dificilmente os processos de acreditação poderiam ser mais simplificados.

Mas o Conselho tem outras competências e, agora que as estruturas estão criadas, sem dúvida que lhe dedicará mais tempo no futuro; salientarei: participar na definição dos critérios de financiamento das acções de formação; planear a distribuição de recursos; apreciar a situação geral da formação contínua; avaliar o seu funcionamento e emitir orientações e recomendações tendo em vista a melhoria do sistema.

P₂. *Como está organizado o CCFCP e como se enquadra na estrutura geral orgânica do Ministério?*

R₂. O Conselho Coordenador é essencialmente um organismo no qual o Estado delegou uma série de competências de regulamentação, coordenação, avaliação e superintendência relativamente ao sistema de formação

contínua. Normalmente o Estado reserva para si o exercício de tais competências. Neste caso, criou uma entidade constituída por participação social alargada em que o Ministério da Educação está em minoria; representantes dos centros de formação (13 membros, 2 dos quais do ensino superior); das organizações sindicais dos professores (3 membros); da administração regional, autónoma e central da educação (8 membros) e 3 personalidades de «reconhecido mérito no âmbito da formação de professores», designados pelo Ministro da Educação. Em termos de funcionamento, posso dizer como se organizou este ano, pois, no futuro, poderá vir a complexificar a sua organização, como é normal no desenvolvimento das instituições. O Conselho funcionou em plenário, quase sempre em Lisboa, realizando, depois de Dezembro de 92 e até final de Outubro de 93, dezassete reuniões; as decisões são tomadas em plenário, para que o Conselho dispõe, relativamente a muitos assuntos, de uma proposta de um ou mais Conselheiros por ele solicitada previamente, na sequência de um primeiro debate. Tendo em conta a base representativa do Conselho, será difícil constituir uma comissão mais reduzida, com poder de decisão, que garanta a diversidade de representação do plenário.

Ao Presidente cabe a execução das decisões do Conselho. Para o apoiar nas suas funções existe, no Porto, um secretariado permanente no seio do qual funciona uma assessoria técnica. O secretariado permanente é constituído, a partir de Outubro, por dez elementos a tempo inteiro, incluindo o pessoal de apoio administrativo.

Quanto ao enquadramento no Ministério da Educação, o Conselho é uma instituição que configura um «Conselho Superior ao qual – para além da sua função consultiva – cabe ins-

titucionalizar a participação de entidades estranhas ao Ministério, nas actividades deste».

P₃. *Quantas entidades promotoras de Formação Contínua de Professores e de que tipos foram acreditadas este ano pelo CCFCP?*

R₃. Até 2 de Novembro de 1993 já foram acreditadas 246 entidades formadoras; 168 centros de formação de associações de escolas; 58 instituições de ensino superior e 20 centros de formação de associações de professores.

A organização dos processos de acreditação e a respectiva análise são operações de uma certa complexidade devido, em grande parte, à estruturação do sistema de formação contínua escolhida na actual versão do Regime Jurídico e à inexistência de prática anterior no domínio. Daí que a adequação dos processos às exigências do Regime Jurídico tivesse tornado indispensável uma interacção demorada entre as entidades formadoras e o secretariado permanente do Conselho Coordenador, para o que contribuiu ainda a concentração temporal dos pedidos de acreditação.

De qualquer modo, o ano lectivo de 92-93 era, como já disse, para a criação das estruturas de formação. Considerando que o Conselho Coordenador só tomou posse perto do Natal e que no início de 93-94 já havia numerosas e diversidades entidades formadoras acreditadas em todas as regiões, temos de concluir que trabalhamos todos bem –, os professores que estão nos Centros e os que estão no Conselho Coordenador ou no secretariado permanente deste.

P₄. *Qual é o percurso seguido por uma acção que se candidata a acreditação, desde que dá entrada no CCFCP?*

R₄. Depois de registada a entrada, é analisada na assessoria técnica do secretariado permanente do Conselho. A análise é feita seguindo uma ficha onde estão contidas as principais exigências colocadas pelo Regime Jurídico à acreditação de acções. Obviamente não se trata apenas de aspectos administrativos formais, mas também de indicadores de qualidade estabelecidos naquele Regime. Estes indicadores, como se sabe, não constituem garantia suficiente da qualidade de acção, mas visam assegurar-lhe uma credibilidade mínima. Refiram-se os relativos à adequação dos formadores, à articulação da modalidade com os objectivos e estratégias de desenvolvimento da acção e ao sistema de avaliação.

A análise termina numa proposta: ou de acreditação da acção, e então, depois do respectivo despacho do presidente, é apresentada ao plenário do Conselho para ratificação da decisão deste; ou de não acreditação e, neste caso, se a proposta merecer o acordo do presidente, o processo é reenviado à entidade formadora com uma cópia da ficha de análise onde constam os aspectos que levaram à não acreditação; se a entidade ainda estiver interessada em realizar a acção e desejar efectuar as necessárias alterações no processo de candidatura, pode reiniciá-lo.

Depois da acção ser acreditada, é remetido à entidade formadora o respectivo certificado indicando a designação, modalidade, nível e créditos da acção, bem como o número do registo de acreditação. Por outro lado, uma série de elementos relativos à acção é inserida na base de dados do Conselho Coordenador.

P₅. *Por que razão a «figura da acreditação» foi suspensa nos finais deste ano, o que fez com que muitas entidades não tivessem tido*

qualquer acção acreditada, se bem que creditadas?

R₅. A figura de acreditação não foi suspensa. O que se abandonou foi a figura dos efeitos retroactivos da acreditação inicialmente pensada para resolver o problema criado pelo facto de se terem realizado acções antes de estarem e de poderem estar acreditadas; de facto, de acordo com o Regime Jurídico, as acções só podem realizar-se depois de acreditadas, no seguimento de proposta apresentada por entidades formadoras cuja acreditação já tem sido concedida e divulgada. Por que razão se abandonou a retroactividade? Para evitar as pressões que recaíam sobre o processo de acreditação de acções já realizadas e em relação às quais existia uma legítima expectativa dos professores de que conferissem créditos; se me permitem um jogo de palavras, foi para evitar que o descrédito pudesse atingir a figura de acreditação.

Foi por isso que pareceu mais adequado que o Governo, de quem depende a gestão da carreira docente, reconhecesse que a frequência com aproveitamento das acções produziu efeitos na progressão na carreira, mesmo antes de elas estarem ou poderem estar acreditadas, tanto mais que tinha sido o Governo, e bem, na minha opinião, a criar condições para que tal acontecesse.

P₆. *Quais foram as principais dificuldades que tem sentido, como Presidente do CCFCP, ao longo deste primeiro ano de implementação do sistema de Formação Contínua de Professores?*

R₆. Tendo em conta o modo como configurei o papel de Presidente do Conselho Coordenador, não tenho sentido especiais dificuldades no

seu desempenho, o que realizo com prazer. Não se trata de presidir a uma direcção homogénea formada com base num programa de actividades cuja colaboração e desenvolvimento me caiba liderar. Trata-se de contribuir para a emergência, no seio de uma assefmbleia constituída por participação alargada e diversificada, de posições maioritárias, por mínimo, relativamente às questões que o Regime Jurídico deixou para decisão do Conselho ou que a implantação do sistema no terreno obriga a considerar. Trata-se, ainda, de dirigir a execução das decisões do Conselho através do seu secretariado permanente. Não tenho encontrado dificuldade nestas tarefas, graças ao empenho, dedicação e sentido de responsabilidade que têm manifestado, como esperava, que os membros do Conselho, quer os do secretariado permanente. Se me perguntassem se desejava que houvesse maior celeridade nos processos de decisão e de execução, responderia que sim se não estivesse a ser realista.

P7. *Poder-se-á, desde já, fazer um balanço da actividade do CCFCP em relação a 1993? Quais as principais linhas de força já traçadas pelo CCFCP para 1994?*

R7. Preferia referir-me ao balanço de 1993 e às linhas de força das actividades de 1994 para o fim do primeiro ano de existência do Conselho (em finais de Dezembro) depois deste ter feito tal balanço e delineado aquelas linhas de força.

P8. *Qual considera ser a imagem que a opinião pública, em geral, e os educadores e professores, em particular, têm da Formação Contínua de Professores? Quais serão as principais causas condicionantes dessa imagem?*

R8. Julgo que ainda não houve tempo nem experiência suficiente para existir uma imagem consolidada. O que há são ainda traços que não deixam adivinhar a imagem que se está a construir; são primeiras impressões a rever à medida da experiência que cada um for tendo. Traços e impressões que são diversos em função das diferentes perspectivas dos vários grupos de professores face à profissão docente e das oportunidades de formação com que já tiveram ocasião de se confrontar.

Mesmo a imagem de que a formação contínua se desenvolve sob formas muito escolarizadas e que os professores frequentam as acções apenas para obter os créditos, não vai resistir à medida que as entidades formadoras se afirmarem no sentido de modelos de formação adequados a adultos profissionais em exercício, e que o processo de regulação da oferta pela procura comece a surtir efeito e que o próprio Regime Jurídico sofra as alterações aconselhadas pela experiência; mesmo os professores que iniciarem uma acção com motivação extrínseca acabarão por nela encontrar outros valores e interesses. Afinal um dos principais objectivos da formação contínua de professores não será o de influenciar mudança na sua motivação face ao exercício docente?

P9. *Para finalizar agradecemos que formulasse e respondesse, por favor, a uma questão que gostaria que lhe tivéssemos colocado ao longo desta entrevista.*

Gostaria que me tivessem perguntado o que penso do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores. A resposta já não cabe nesta entrevista.

à conversa com...

Professor Doutor Jorge Arroiteia



*Jorge Carvalho Arroiteia,
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro,
Grupo 2 de Educação,
Gestor-Coordenador dos Programas FOCO e FORGEST,
Inspector-Geral de Educação*

P₁. *Gostaria que começasse por nos explicar as razões que terão determinado a integração do Programa FOCO no PRODEP.*

R₁. O Programa de Desenvolvimento Educativo para Portugal, PRODEP, aprovado por DECISÃO COMUNITÁRIA de 18/06/90 tem uma duração de quatro anos (1990-93) e integra um conjunto de linhas de empreendimentos e de projectos de formação que têm em vista a generalização e o desenvolvimento da Educação em Portugal. Incidindo sobre o território do Continente inclui um conjunto de SUBPROGRAMAS e de MEDIDAS destinadas à modernização da rede escolar, à valorização dos recursos humanos, à diversificação do ensino profissional, à formação de adultos e de professores, bem como ao desenvolvimento do ensino superior universitário e politécnico. Por outro lado o PRODEP traduz-se numa forte mobilização de recursos financeiros para a Educação, sendo cofinanciado pelo Estado

Português e pela Comunidade Europeia através do Fundo de Desenvolvimento Regional – FEDER e do Fundo Social Europeu – FSE. Como primeiros objectivos deste Programa destacámos a generalização do acesso à Educação, a modernização das infra-estruturas educativas e a melhoria da qualidade da educação, pelo que no Subprograma 1 consagrado ao Desenvolvimento das Infra-estruturas e dos Recursos Humanos da Rede Escolar foram integradas as medidas 1.2. – Formação em Gestão e Tecnologia de Informação e Comunicação para as Escolas – FORGEST e 1.3. Formação de Professores – FOCO.

P₂. *Existe ou existiu, nos outros países da C.E., algo similar ao Programa FOCO?*

R₂. De acordo com as informações de que dispomos o exemplo Português, relativo à formação de professores, está a ser seguido atentamente pelas diversas instâncias comunitárias

com vista à sua eventual aplicação noutros países. Contudo uma informação mais detalhada a este respeito deverá ser solicitada a Bruxelas uma vez que não temos contactos directos com as instituições comunitárias mas apenas através da Comissão Nacional do PRODEP.

P₃. *Quais são os outros programas que coexistem no PRODEP com o FOCO e de que forma tem decorrido essa coexistência?*

R₃. Como referimos para além do Subprograma 1, relativo ao Desenvolvimento das Infra-estruturas e dos Recursos Humanos da Rede Escolar, integram ainda o PRODEP os Subprogramas 2, dedicado ao Ensino Profissional, o Subprograma 3, dedicado à Educação de Adultos e o Subprograma 4 consagrado ao Ensino Superior. Enquanto gestor das medidas 1.2. e 1.3. fazemos parte da Comissão Nacional do PRODEP onde a coexistência entre todos os responsáveis pelas diversas medidas e o seu Presidente tem sido excelente.

P₄. *Por que razão o percurso das candidaturas apresentadas pelas entidades promotoras está tão burocratizado ao ponto de envolver doze organismos diferentes?*

R₄. No que concerne às candidaturas submetidas a financiamento através das medidas 1.2. e 1.3. a tramitação burocrática que nos foi imposta deve-se, essencialmente, ao facto das acções aprovadas serem cofinanciadas pelo Fundo Social Europeu e ainda pelo facto de não existir ainda, a nível do Ministério da Educação uma Agência especializada para o

pagamento destas acções. Quanto à inclusão de outros organismos tal foi determinado pelo despacho 130/ME/92 que criou a estrutura de gestão das medidas que coordenamos.

P₅. *Quais as principais causas que motivaram atrasos na concretização dos cofinanciamentos concedidos este ano ao abrigo do FOCO?*

R₅. Aceitamos que, num primeiro momento, algumas demoras na concretização dos cofinanciamentos ter-se-ão verificado por não estarem ainda bem definidos todos os circuitos de informação entre a gestão nacional do FOCO e as demais entidades responsáveis pelo processamento dessas verbas. Num segundo momento e ultrapassadas aquelas dificuldades alguns dos entraves têm surgido devido quer a imprecisões das entidades promotoras quer ao enorme número de acções já aprovadas e ao acumular dos pedidos de ordem de pagamento junto das entidades que têm a seu cargo o processamento daquelas verbas.

P₆. *Por que razão no processo de instrução das candidaturas e cofinanciamentos do FOCO estão envolvidos organismos tutelados pelo Ministério do Emprego?*

R₆. A participação de organismos dependentes do Ministério do Emprego verifica-se pelo facto do cofinanciamento das acções de formação ser assegurado pela Comunidade Europeia através do Fundo Social Europeu e da circunstância da própria unidade de gestão do PRODEP ter sido aprovada não só pelo Ministro da Educação mas ainda pelos Ministros do Planeamento e Administração do Território e do Emprego e da Segurança Social.

P7. *Até que ponto a concessão de personalidade jurídica aos Centros de Formação de Associação de Escolas, que assim passariam a poder dispor de autonomia administrativa e financeira, poderia aumentar a fluidez de implementação deste programa?*

R7. Não sabemos se a concessão de personalidade jurídica aos Centros de Formação de Associação de Escolas viria a facilitar a fluidez desse processo. Parece-nos que o essencial seria o Ministério da Educação poder assegurar, através de uma Agência especializada, o pagamento directo desses financiamentos e não através de entidades de outros ministérios.

P8. *Quais foram as principais dificuldades que tem sentido, como Gestor do Programa FOCO, ao longo da sua implementação?*

R8. Decorrido quase um ano de vigência das medidas FOCO e FORGEST e perante os resultados alcançados não só ao nível da dinamização das comunidades educativas, com o grande empenho dos Centros de Formação de Associação de Escolas, das instituições de ensino superior e das demais entidades promotoras mas também com a aprovação de cerca de 1650 acções de formação abrangendo mais de 59000 formandos (caso do FOCO) e de cerca de 90 acções abrangendo 3539 formandos (caso do FORGEST), cujos montantes ultrapassaram, até ao momento, 10,9 milhões de contos no caso da medida 1.3. e os 1,7 milhões para a medida 1.2., quase que nos esquecemos das dificuldades sentidas no seu lançamento. E algumas das que tivemos foram ultrapassadas com o apoio que sempre recebemos da

parte de todos os membros da actual equipa ministerial e das demais entidades com quem tivemos ensejo de contactar durante este período de tempo.

Da mesma forma devemos uma palavra de grande reconhecimento aos senhores Subgestores Regionais (e aos membros das suas equipas) que conosco colaboraram não só no lançamento do FOCO e FORGEST mas ainda na resolução das dificuldades que têm surgido com a sua implementação.

P9. *Poder-se-á, desde já, fazer um balanço da actividade do FOCO em relação a 1993?*

R9. Como já assinalamos anteriormente os dados referentes ao número de acções aprovadas, aos formandos envolvidos e às verbas cativas para a sua concretização são um primeiro indicador da dinâmica que se gerou em torno da formação contínua no nosso país. Não obstante, no entanto, alguns reparos que possam surgir quanto ao seu desenvolvimento, entendemos que no termo deste primeiro ano os formandos que participaram nessas acções bem como as diversas entidades promotoras e formadoras saberão, melhor do que nós, fazer um balanço sobre os resultados das medidas que coordenamos. Esperamos, no entanto, a realização de encontros ou congressos nacionais onde esses resultados sejam debatidos por forma a podermos beneficiar e melhorar o que a este respeito os professores tenham a sugerir.

P10. *Até quando está previsto existir este Programa?*

R10. Num primeiro momento as medidas FOCO e FORGEST deverão terminar em

Dezembro de 1993. A partir do próximo ano e já no quadro do PRODEP II será aberto novo concurso que terá a duração deste Programa prolongando-se, praticamente, até ao final da presente década.

P₁₁. *Quais as principais linhas de força já traçadas para este programa para 1994?*

R₁₁. Acabamos de elaborar uma nova proposta de regulamento que devemos sujeitar à apreciação do Senhor Presidente da Comissão Nacional do PRODEP e por isso não sabemos ainda as orientações que irão ser traçadas para 1994.

Da nossa parte gostaríamos, no entanto, de continuar a verificar o mesmo interesse, já manifestado por parte dos Centros de Formação de Associação de Escolas e das demais entidades preocupadas com o desenvolvimento da reforma e a melhoria da qualidade da Educação em Portugal.

Entendemos que só através da formação e da mobilização dos recursos humanos poderemos e saberemos responder aos muitos desafios que se colocam à sociedade portuguesa, não só no presente mas no futuro, principalmente quando se esgotarem os fundos destinados ao financiamento da formação contínua dos professores. Daí advogarmos a criação de infra-estruturas educacionais, geridas racionalmente, que possam vir a assegurar o desenvolvimento dessas acções mesmo quando deixarem de ser cofinanciadas pelo FSE. Do mesmo modo gostaríamos de ver implementados projectos de formação interdisciplinares resultantes de protocolos entres as diversas entidades representativas dos diversos níveis de formação, mas centrados essencialmente na escola

por forma a garantir-se uma maior reflexão em torno das práticas profissionais.

P₁₂. *Qual considera ser a imagem que a opinião pública, em geral, e os educadores e professores, em particular, têm da Formação Contínua de Professores?*

R₁₂. De momento não dispomos de muitas informações que nos permitam ter uma imagem precisa da opinião dos educadores e formadores sobre a formação contínua. Estamos a recolher os dados relativos à avaliação das acções já realizadas pelo que não nos poderemos pronunciar, de imediato, a este respeito.

P₁₃. *Para finalizar agradecemos que formulasse e respondesse, por favor, a uma questão que gostaria que lhe tivéssemos colocado ao longo desta entrevista.*

R₁₃. Dada a diversidade de questões que nos foram colocadas parece-nos descabido sugerir mais algum assunto que gostaríamos de ver abordado nesta entrevista.

Aproveitamos no entanto esta oportunidade para agradecer ao Centro de Formação de Professores de Matosinhos e ao seu Director o seu empenho e dinamismo no desenvolvimento dos múltiplos projectos de formação que têm em marcha, esperando que o exemplo carreado pelas escolas que actualmente integram esse Centro de Formação possa constituir um referencial de qualidade não só no que concerne à natureza das actividades desenvolvidas mas ainda à transformação dessas escolas, tornando-as mais vivas e activas, sensibilizando a comunidade educativa para o carácter inovador e pedagógico das suas iniciativas.

à conversa com...

Dr. Valdemar Almeida



*Valdemar Castro Almeida,
Subgestor da Equipa Regional do Norte
dos Programas FOCO-FORGEST*

P₁. *Gostaria que começasse por nos explicar como está organizada a Subgestão Regional do Programa FOCO da região Norte e como se enquadra na estrutura geral orgânica do Ministério?*

R₁. Por despacho conjunto do Gestor – Coordenador do FOCO/FORGEST e do Director Regional de Educação do Norte foi criada, junto da DREN, uma Equipa de Projecto coordenada por um subgestor. É essa Equipa de Projecto que constitui a Equipa Regional do Norte do FOCO/FORGEST.

Todos os professores que trabalham nesta Equipa são profissionalizados, e possuem um currículo apreciável a nível da Gestão Pedagógica das Escolas. Porém, e pelo facto do FOCO e do FORGEST serem Programas operacionais, houve necessidade de, internamente, organizar a Equipa em duas valências: pedagógica e financeira. A primeira mais directamente ligada à análise das candidaturas, no seu aspecto formal e de conteúdos, e a segunda mais ligada aos processos de finan-

ciamento. Contudo estas duas valências não são «estanques», uma vez que qualquer uma delas tem implicações na outra.

Na estrutura geral orgânica do Ministério, esta Equipa depende, estruturalmente, da Direcção Regional de Educação do Norte e, funcionalmente, do Gestor – Coordenador do FOCO/FORGEST.

P₂. *Quais são as particularidades desta Subgestão Regional em relação às suas congéneres do País?*

R₂. As particularidades desta Subgestão Regional estão, intimamente, ligadas às particularidades da Direcção Regional de Educação do Norte: o maior número de Entidades e Professores envolvidos na Formação, distribuídos por 5 Distritos mais a parte norte do Distrito de Aveiro e uma parte considerável do Distrito de Viseu.

P₃. *Quantas entidades promotoras de formação e de que tipos, estão compreendidas na área de jurisdição desta Subgestão?*

R.3. Na parte final de 1992 e durante o ano de 93 trabalhamos com 100 Entidades Promotoras da Formação, assim distribuídas: 65 Centros de Formação de Associações de Escolas, 17 Instituições do Ensino Superior Público e Privado (dispensamo-nos, aqui, de contabilizar os seus diferentes Departamentos), 14 Centros de Formação de Associações de Professores e 4 Serviços da Administração Central ou Regional do Ministério da Educação.

P.4. *Qual é o percurso seguido por uma candidatura desde que dá entrada nesta Subgestão até que recebe parecer favorável e é enviada à reunião nacional do PRODEP?*

R.4. Aquando da entrada de um processo de candidatura nos nossos serviços ele é submetido a um tratamento informático, pelo Secretariado da Equipa, através de um programa especificamente criado para o efeito pela Coordenação Nacional. Após a selecção das candidaturas a analisar, os processos passam para os colegas da valência Pedagógica responsáveis pelas Entidades que promovem as Candidaturas. O processo é analisado sob o ponto de vista formal (formulário e anexos devidamente preenchidos) estabelecendo-se o contacto, sempre que necessário, com a Entidade Promotora. Elabora-se, então, um relatório, resultado da análise da estrutura da Acção, que contempla, designadamente, o seu enquadramento em cada uma das medidas 1.2. e 1.3., área e domínio da formação em que se insere, modalidade de que se reveste bem como o nível proposto, datas e horários de realização, locais e instalações, caracterização do público-alvo a que se destina, sistema de selecção de Formandos, requisitos de acesso e distribuição dos Formandos por Turma, caracterização dos Formadores e do Equipamento afecto e formas de Avaliação. O processo transita, então, para a valência financeira onde é feita a análise das propostas de financiamento e elaborado um relatório, complementar do primeiro, justificativo da contraproposta a apresentar à Comissão Nacional do Prodep.

Posteriormente, o relatório completo é introduzido no computador e formalizada informaticamente a sua apresentação à aprovação.

P.5. *Quais os principais critérios que determinam a concessão de cofinanciamentos para acções apresentadas pelos Centros de Formação de Associação de Escolas desta região?*

R.5. Tendo sempre em conta o regulamento do FOCO e do FORGEST, e os temas prioritários de formação neles definidos, considerámos ainda, como critérios para o financiamento das Acções pelos CFAE, o número de Formandos afectos ao Centro; as dinâmicas de formação apresentadas e comprovadas e a redução de assimetrias regionais.

P.6. *Quais as principais dificuldades que tem sentido, como Subgestor Regional do Norte do Programa FOCO, ao longo da sua implementação?*

R.6. À semelhança do que acontece em grande parte das escolas, com excessivo número de alunos, em que os Presidentes dos Conselhos Directivos sentem grandes dificuldades de gestão, também na estrutura regional Norte do FOCO-FORGEST as principais dificuldades prendem-se com a existência de um grande número de Entidades Promotoras e a consequente avalanche de candidaturas que nos têm sido endereçadas. A gestão atempada desta realidade, para a qual não foram previstos prazos ou etapas de candidatura, não tem sido fácil.

Uma outra dificuldade, que julgo ser comum a outras Equipas Regionais, prende-se com a nossa incapacidade em responder a todas as solicitações das Entidades Promotoras, em especial os Centros de Formação, no sentido de as apoiarmos em determinados domínios que, obviamente, estão fora das nossas competências, como é o caso da conciliação entre as regras do FSE e as da Contabilidade Pública. No entanto, o profissionalismo que preside à postura dos membros da Equipa Regional que coordeno, aliado à compreensão e colaboração

dos responsáveis pelas Entidades Promotoras, tem sido suficiente para superar essas e outras dificuldades.

P7. *Poder-se-á, desde já, fazer um balanço da actividade desta Subgestão em relação a 1993?*

Do ponto de vista quantitativo, julgo que o balanço não poderia ser mais positivo. Com efeito, as 638 acções de formação aprovadas até ao momento nesta estrutura regional do FOCO-FORGEST já abrangem cerca de 58% dos educadores e professores do ensino não superior a leccionar na área geográfica afectada à Direcção Regional do Norte. Note-se que as metas previstas no início do programa apontavam para menos de 50%. Do ponto de vista qualitativo, julgo que ainda é cedo para nos pronunciarmos. No entanto, os relatórios e as fichas de avaliação que nos têm chegado parecem desmentir as opiniões totalmente negativas provenientes dos sectores mais pessimistas da nossa «praça» educativa. Será, fundamentalmente, pelos reflexos nas aprendizagens que poderemos avaliar os resultados desta formação. Ora, esses reflexos não são imediatos.

P8. *Qual considera ser a imagem que a opinião pública, em geral, e os educadores e professores, em particular, têm da Formação Contínua de Professores?*

R8. Creio que a tradicional imagem de vazio que se fazia sentir junto da opinião pública e dos docentes acerca da Formação Contínua de professores está a desaparecer gradualmente. A publicação do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores veio naturalmente conferir à formação de professores uma outra seriedade e dignidade que até aí não eram reconhecidas. A imagem social da competência profissional dos professores vai ser certamente beneficiada com este Regime Jurídico. O anúncio público da formação e as suas manifestações exteriores irão contribuir naturalmente para o prestígio social da função docente. Isto não significa que todos os professores

tenham desta forma. Há mesmo aqueles que continuam a questionar toda a formação que se está a fazer só porque adivinham os efeitos perversos da associação entre a formação e a progressão na carreira. Outras não se cansam de denegrir a formação porque entendem que as acções que são obrigadas a frequentar já não lhes deixa tempo disponível para as suas actividades de acumulação. Julgo que os estados de espírito também se cultivam, e muitas vezes temos necessidade de nos convencermos a nós próprios para reforçar o nosso «ego».

P9. *O que motiva um professor de História a gerir um Programa como o FOCO?*

R9. Certamente que a motivação para aceitar gerir o FOCO-FORGEST Norte nada tem a ver com o facto de ser professor de História, mas tão somente por ser um professor que, como muitos outros, se interessa pelos problemas da formação. Certamente que os dez anos de funções ligadas à formação de professores deixaram as suas marcas. O «bichinho» da formação parece ter cavado fundo demais, ao ponto de se abandonar ou deixar em «stand-by» outros projectos não menos gratificantes. É que, ao contrário do que muitos pensam ou dizem, o FOCO-FORGEST não é simplesmente um programa de financiamento da formação, que «só mexe com papéis». Os apoios e as opções pedagógicas, em termos da formação estão sempre presentes na nossa actividade.

P10. *Para finalizar agradecemos que formulasse e respondesse, por favor, a uma questão que gostaria que lhe tivéssemos colocado ao longo desta entrevista.*

R10. Gostaria que fossem acções que se inscrevessem num conceito de formação centrada na escola, que se orientassem essencialmente para uma reflexão sobre as práticas, em ordem a um aprofundamento teórico, que correspondessem às verdadeiras necessidades dos professores e que, maioritariamente, assumissem modalidades não académicas ou escolarizadas.

Às Quartas... é no Centro!

O PRÓfessor, para além das actividades de formação de professores que integram o seu Plano de Formação, decidiu, na sequência das «Quartas-feiras à noite... em Junho» desenvolver espaços de debate sobre temas de interesse para os docentes do Centro, que designamos por «Às Quartas... é no Centro!».

São sessões de trabalho, com cerca de 2 horas, sobre temas científicos ou da didáctica das especialidades, que decorrerão em duas modalidades – mesas redondas abertas ou orientadas por uma personalidade de reconhecido mérito nesses campos, e têm lugar nas instalações próprias do nosso Centro.

O programa previsto até ao final deste ano é o seguinte:

DO PROJECTO EDUCATIVO AO PROJECTO DE TURMA • Mesa redonda • destinada a partilhar as estratégias educativas assumidas pelas Escolas de Matosinhos • **29 de Setembro, pelas 21.30 h, nas instalações do PRÓfessor • Moderadora –** Luísa Faria • **Público-alvo –** membros de Conselhos Directivos, Conselhos Pedagógicos, Conselhos de Escola, Directores de Turma e Professores dos 1º 2º e 3º ciclo do Ensino Básico e Professores do Ensino Secundário

D.P.S. – DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL • LANÇAMENTO DO NOVO CURSO • 6 de Outubro • Reunião da equipa de formadores do nosso Centro que orientará o curso que credenciará os professores para a leccionação da disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social

ENCONTRO DE EDUCADORAS DE INFÂNCIA DE MATOSINHOS • 13 de Outubro • Mesa redonda • Moderadora – Elisa Agostinho • Aberta a todas as educadoras de infância de Matosinhos e destinada a debater assuntos do seu interesse

MÉTODOS E TÉCNICAS DE LEITURA ESCRITA NO 1º CICLO DO ENSINO

BÁSICO • 15 de Dezembro • Mesa redonda • Moderadora – Lurdes Barbosa

LIDAR COM A DIFERENÇA • 11 de Novembro • Mesa redonda • Moderadora – Georgina Teixeira • com a presença das professoras Alexandrina Oliveira e as professoras responsáveis pelo Ensino Especial das Escolas de Matosinhos do E.B. 1º Ciclo ao E. Secundário

DA FORMAÇÃO RECEBIDA AO DESEMPENHO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM E NA DINAMIZAÇÃO DA ESCOLA • Mesa redonda • 25 de Novembro • Moderador – Horácio Dá Mesquita • Público alvo – todos os formandos do PRÓfessor

Para participar é fácil! Basta telefonar ou enviar-nos uma carta, até 1 semana antes do início da sessão escolhida, indicando:

- a «Quarta-feira» a que se candidata;
- o nome completo;
- a morada e telefone;
- a Escola a que pertence
- situação profissional;

Este plano/programa está sujeito a alterações. E continuamos abertos às vossas sugestões.

UM ANO EM REVISTA

As primeiras intenções

Com o grande objectivo de promover a satisfação das reais necessidades de formação dos professores, a ligação dessa formação com a prática docente na associação entre as escolas inseridas na nossa comunidade educativa, surge a Revista PRÓfessor.

A sua organização e edição é da responsabilidade directa do PRÓfessor e do seu Director Pedagógico, mas só existirá enquanto todos os professores e educadores se sentirem co-responsáveis pela sua existência, pela sua validade e riqueza associativa e educativa.

Finalidades

1. Espaço de divulgação:

- * das acções de formação do plano do PRÓfessor;
- * das avaliações periódicas ao respectivo plano;
- * dos relatos de experiências e vivências dos professores enquanto professores, formadores e formandos.

2. Espaço de promoção de outras iniciativas dos professores e escolas do PRÓfessor, tais como:

- * artigos de pesquisa sobre carências específicas da comunidade pedagógica-geográfica de Matosinhos,
- * intercâmbios e roteiros culturais-ecológicos, visitas de estudo, programas de férias.

3. Espaço aberto a entrevistas

- * a personalidades de mérito com ligação à formação de professores, e ao ensino, em geral, assim como aos principais órgãos de decisão política nacional e regional.

4. Espaço de consultadoria

- * respostas a questões de âmbito jurídico ligadas a creditações/progressão na carreira.

A estas finalidades somar-se-ão outras com as sugestões e contributos dos professores deste Centro.





à conversa com ...

Alexandro Paulo de Aguiar Falcão



Quando se fala em formação de professores, há sempre um certo consenso de que se trata de um processo contínuo e complexo, que envolve a formação inicial, a formação em serviço e a formação continuada. No entanto, há quem defenda que a formação de professores deve ser entendida como um processo que se desenvolve ao longo da vida profissional, e que não se limita ao período de formação inicial. Este é o caso de Alexandro Paulo de Aguiar Falcão, que defende que a formação de professores deve ser entendida como um processo que se desenvolve ao longo da vida profissional, e que não se limita ao período de formação inicial.

PRO

Algumas conclusões

Não iremos aqui fazer um exercício de auto-elogio... não ficaria bem! Mas, como já dissemos antes, também não ficam bem falsas modéstias! A revista PRÓfessor é, parece-nos, uma boa aposta, uma boa proposta, uma boa imagem de «marca»! Não queremos com isto dizer que estamos satisfeitos e ponto final.

Analiseemos, portanto, o que poderá ser melhorado.

A principal lacuna é VOCÊ, Colega! Aonde é que o Colega está? Então as suas vivências, os resultados do seu trabalho que nos pode interessar a todos? Ficou de nos mandar... não foi? **MAS NÃO MANDOU!!!! ESTAMOS À ESPERA!**

Além disso o sistema de distribuição nem sempre resultou a 100%, o arranjo gráfico nem sempre agradou, os artigos de opinião nem sempre ataçaram a discussão e o intercâmbio de ideias, a consultadoria jurídica não existiu, a divulgação das actividades das Escolas nem sempre nos foi comunicada...

Por tudo isso a revista, em Janeiro, vai «mexer» muito! Sem levantar muito o véu digamos apenas que o arranjo gráfico vai mudar, vai passar a poder ser assinada por professores e entidades que não pertencem ao PRÓfessor, vai conter espaços de publicidade de artigos e empresas que trabalham com produtos que possam interessar à nossa actividade, vai apresentar artigos de índole científica.

Do outro lado, do lado do lançamento de 1994, propomos já um protótipo do que será, graficamente, a nossa revista para o ano.



conhecer melhor...

DESEQUILÍBRIO COM REDE



PRO



PROFESSOR, Homo Ensinus Escolaris

Quando se fala em formação de professores, há sempre um certo consenso de que se trata de um processo contínuo e complexo, que envolve a formação inicial, a formação em serviço e a formação continuada. No entanto, há quem defenda que a formação de professores deve ser entendida como um processo que se desenvolve ao longo da vida profissional, e que não se limita ao período de formação inicial.



Quando se fala em formação de professores, há sempre um certo consenso de que se trata de um processo contínuo e complexo, que envolve a formação inicial, a formação em serviço e a formação continuada. No entanto, há quem defenda que a formação de professores deve ser entendida como um processo que se desenvolve ao longo da vida profissional, e que não se limita ao período de formação inicial.

Quando se fala em formação de professores, há sempre um certo consenso de que se trata de um processo contínuo e complexo, que envolve a formação inicial, a formação em serviço e a formação continuada. No entanto, há quem defenda que a formação de professores deve ser entendida como um processo que se desenvolve ao longo da vida profissional, e que não se limita ao período de formação inicial.

PRO

conhecer melhor...

A equipa de colaboradores do PRÓfessor

O PRÓfessor é, já, uma «empresa» bastante complexa! Director e Comissão Pedagógica seriam impo- tentes, só por si, para a fazerem funcionar, por mais interesse, empenho ou operacionalidade. O PRÓfessor só é possível, porque resulta, também, do trabalho de uma equipa de colaboradores, gente que ousa fascinar-se...

tica, orçamentação das acções, gestão de recursos, apoio infor- mático, design, divulgação e avaliação das acções, relações públi- cas, e, ainda contabilidade, tesoura- ria, operação com programa infor- mático de contabilidade, reprogra- fia, dactilografia, apoio logístico e limpeza.

Organização da equipa

As tarefas são muitas: gestão do orçamento, organização contabilís-

Toda esta organização, esque- matizada no diagrama da figura, foi prevista e integrada a candida- tura do Director apresentada à Comissão Pedagógica em Novembro de 1992.

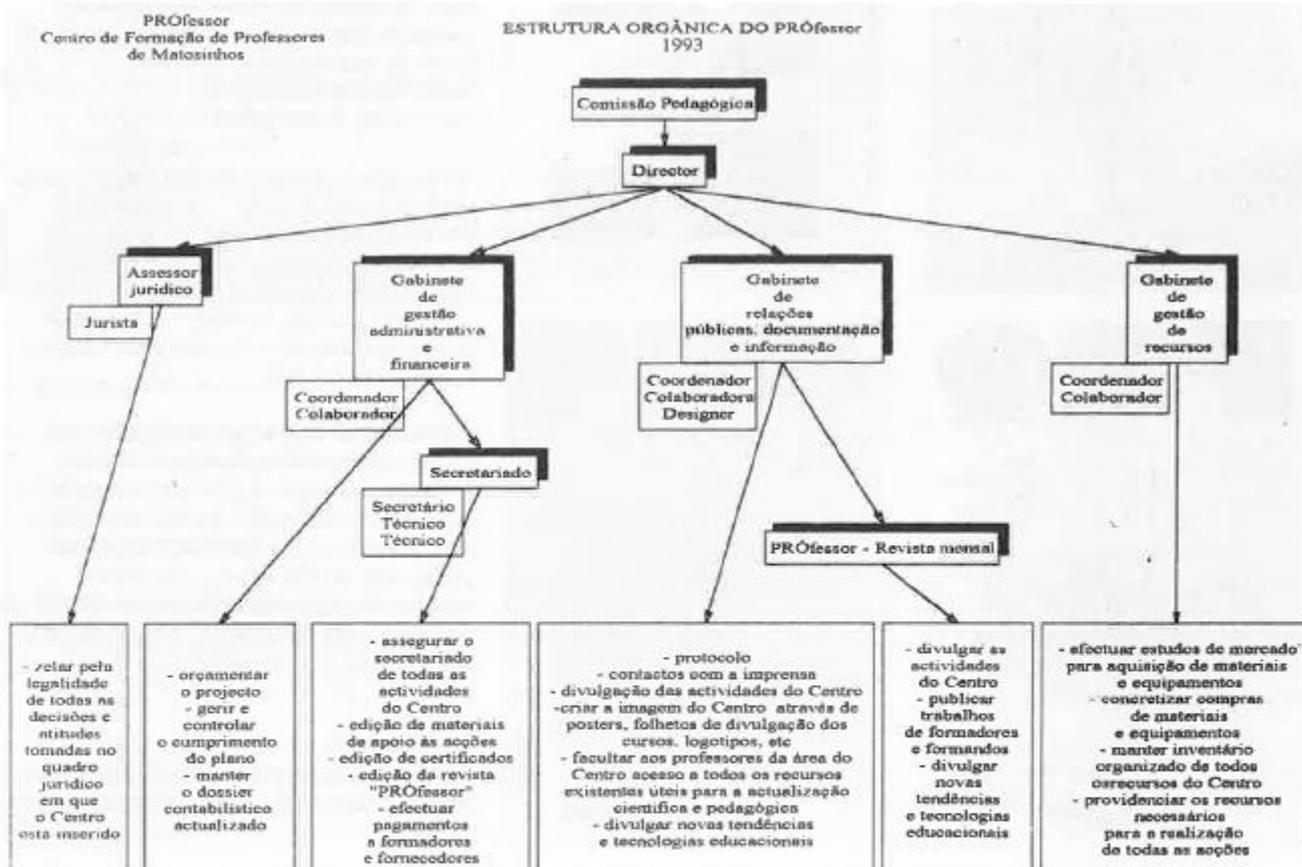




Foto • Teresa Siza • Out • 93

Em cima: M.^a da Graça Machado • Glória Duarte • Helena Viana • Maria Fernanda Carneiro • Georgina Mendes
• Fátima Martins • Glória Carvalho • Fernanda Falcão • Joaquim Silva
Em baixo: Luísa Faria • Rosa Branca Pinheiro • Maria Deolinda Silva • Georgina Teixeira • Jorge Lima
Neste conjunto falta a colaboradora Lisette Correia

Pessoal técnico especializado

*São precisas
7 meninas
para realizar um sonho...*

*uma para rabujar,
três para ousar,
outra para temer,
duas para acreditar,
uma para hesitar,
outra para pensar que é melhor
desistirmos,
duas para terem saudades
quando estão longe,
quatro para se assustarem com
as notícias do jornal,
três para começar o dia,
muitas para arregaçar as mangas,
duas para sorrir,
outra para desenhar,
três para se sentirem cansadas,
duas para rir,
quatro para apoiar,
cinco para não desistir nunca,
muitas para suar,*

*todas para fascinar,
todas para unir,
todas para o sonho fazer sentido...*

*São precisas
7 meninas
para realizar um sonho...*

Jorge Lima
Setembro 1993

- Fátima Martins
Lic. em Economia pela
Faculdade de Economia da
Universidade do Porto
PQND da ESAG
43 anos

- Georgina Mendes
Lic. em Matemática Aplicada
pela Faculdade de Ciências
da Universidade do Porto
PQND da ESAG
43 anos
- Georgina Teixeira
Lic. em História pela
Faculdade de Letras da
Universidade de Coimbra
PQND da ESAG
38 anos
- Helena Viana
Lic. em Artes Plásticas pela
Escola de Belas-Artes da
Universidade do Porto
PQND da ESAG
39 anos
- Lisette Correia
Lic. em Economia pela
Faculdade de Economia da
Universidade do Porto
PQND da E. Sec. nº 1 de
Matosinhos
42 anos
- Luísa Faria
Lic. em Filologia Românica
pela Faculdade de Letras da
Universidade do Porto
PQND da ESAG
40 anos
- Rosa Branca Pinheiro
Lic. em Ciências
Matemáticas pela Faculdade
de Ciências da Universidade
de Coimbra
PQND da ESAG
47 anos

Pessoal de apoio administrativo

- Maria Deolinda Pinheiro da Silva
Chefe dos Serviços
Administrativos da ESAG
45 anos
- Glória da Silva Duarte
Segundo Oficial de Serviços
Administrativos da ESAG
44 anos
- Maria da Graça Pereira Machado
Oficial Principal de Serviços
Administrativos da ESAG
50 anos

Pessoal de apoio logístico

- Joaquim Silva
Auxiliar de Acção Educativa
Principal da ESAG
42 anos
- Maria Fernanda Carneiro
Auxiliar de Acção Educativa
Principal da ESAG
40 anos
- Glória Manuela Carvalho
Auxiliar de Acção Educativa
Principal da ESAG
41 anos
- Fernanda Manuela Falcão
Auxiliar de Acção Educativa
da ESAG
49 anos



1994

f e s s o r

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATOSINHOS

7

NOVEMBRO · DEZEMBRO · 1993

PARA COMEÇAR

1



PLANO DE FORMAÇÃO

2

A versão 1994 2



CONHECER MELHOR

4

Os formadores do PRófessor 4
Candidaturas para
as acções de 94 9



**ÀS QUARTAS...
É NO CENTRO**

10

Programa 1994 10



**SE AINDA NÃO SABE
TEM QUE LER**

12

Revista PRófessor
Assinaturas em 94 12

FICHA TÉCNICA · Director: Jorge Lima · Redacção: Georgina Teixeira, Rosa Branca Pinheiro · Propriedade: PRófessor – Centro de Formação de Professores de Matosinhos · Periodicidade: mensal · Tiragem: 2000 exemplares · Composição: Georgina Mendes · Capa: Helena Teles Viana · Execução gráfica: Edições Afrontamento · Correspondência: PRófessor – Centro de Formação de Professores de Matosinhos · Rua de Damão · 4450 Matosinhos · Tel.: 9381064 · Fax 9387683

f p r o f

1994



P A R A COMEÇAR

Estamos aqui pela imagem do Professor
... que fique bem claro!
Para que
deixemos de ser conhecidos por
«aqueles que dão aulas»
e, em vez disso,
sejamos conhecidos por
«ajudantes de compreender o mundo»...
universalistas,
cidadãos intervenientes,
criativos,
gente do bom-senso,
limpa,
no corpo e na mente...
com o brilho nos olhos
de quem ousa fascinar-se...
gente do espírito crítico
e da abertura à mudança
vacinados
contra todas as formas de mediocridade...
gente que coloca
no seu glossário
a palavra «formação»
no princípio
e «créditos»
lá para o fim...
gente capaz de auto-formação
e de todas as inovações...
gente do azul
e do verde...
profissionais
competentes
prospectivos
em relação a tudo o que desconhecemos...

Jorge Lima
Janeiro 1993

PLANO DE FORMAÇÃO

A VERSÃO 1994 DO NOSSO PLANO DE FORMAÇÃO

Apresentação e linhas de força

A versão 1994 do nosso Plano de Formação não poderia deixar de integrar todas as sugestões, críticas e ajustes que a experiência recolhida em 1993 nos veio trazer. Foi para isso que se realizaram, no nosso Centro, as «Quartas-feiras à noite... em Julho», e se analisou em detalhe a avaliação que cada formando e formador realizou das acções em que intervieram. Além disso discutiu-se na Comissão Pedagógica o impacto da formação sobre as várias actividades das escolas. O plano sofreu, com base em tudo isso, alterações significativas guiadas pelas linhas de força seguintes:

- maior variedade de oferta;
- novos temas ao encontro de necessidades específicas dos formandos;
- menor número de horas por acção;
- regime modular para a maioria das acções;
- módulos independentes, dentro de cada acção;
- calendário distribuído ao longo do ano lectivo, sem ocupação concentrada em períodos de paragem das actividades lectivas, especialmente Julho ou Setembro;
- horário que não colida com as actividades lectivas ■

PRÓFESSOR – Centro de Formação de Professores de Matosinhos

PROJECTO DE FORMAÇÃO PARA 1993-95 (Versão 1994)

Acção	Curso / Módulos	Horas	Area	Modal.	Nível	Destinatários Prof. profissionalizados de:	F (nº)	Local previsto / Anotações	Início / Fim Turma A Turma B
I – O professor agente do sistema	1. Sistema Educativo	60	A	CF	I	Todos os ramos e níveis de ensino	17	Realização não prevista para 1994	
II – O professor e a orgânica da escola	1. Administração, direcção e gestão das Escolas	90	G	CF	I	2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec.	32	Realização não prevista para 1994	
	3. Apoio Sócio-Educativo – Contributo para a Humanização da Escola	30	G	CF	I	2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec.	23		
	A.								
	B.	30							
III – O professor, a dinamização da Escola e das relações com o meio	1. Direcção de Turma	90	C	CF	I	2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec.	6	Realização não prevista para 1994	
	2. Ana-Escola, a Comunidade, a Animação		C	CF	A	Todos os ramos e níveis de ensino	1		
	A.	22							
	B.	22							
	C.	22							
3. Património Histórico-Cultural de Matosinhos – seu Potencial Pedagógico na Área-Escola			C	CF	I	Todos os ramos e níveis de ensino	31		
A.	30								
B.	30								

IV - O professor e o aluno

1. Tendências actuais da pedagogia	100	A	CF	A	2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec. 3º ciclo do E. Bás. e Sec.	6	Realização não prevista para 1994
2. Preocupação com o aluno como pessoa		C	CF	I		6	
A.	30						
B.	30						
3. Comunicação na aula		F	OF	I	Todos os ramos e níveis de ensino	2	
A. Dinâmica de grupos	42						
B. Dramatização na sala de aula	30						
4. Trabalho de projecto	60	C	CF	I	2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec.	7	Realização não prevista para 1994
5. D.P.S. - Desenvolvimento Pessoal e Social - Formação para a cidadania	270	C	CF	I	Todos os ramos e níveis de ensino	28	
6. Ligar com a diferença	66	C	CF	A	1º ciclo do E. Bás.	10	Realização não prevista para 1994
7. Planificação do Ensino-Aprendizagem em Jardins de Infância - I	66	C	CF	A	Educadores de infância	9	Realização não prevista para 1994
8. Investigação em Educação		A	CF	A	2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec.	18	
A.	22						
B.	22						
9. Avaliação Pedagógica - E. Básico 2º, 3º e E. Secundário	30	C	CF	I	2º e 3º ciclos do E. Bás. e Sec.	33	
10. Psicologia do Desenvolvimento - da infância à adolescência	30	C	CF	I	Educadores de infância e 1º ciclo do E. Bás.	29	
11. Planificação do Ensino-Aprendizagem em Jardins de Infância - II	22	C	CF	A	Educadores de infância	30	

V - O professor, e os meios auxiliares de ensino

1. A. Fotografia no Ensino		F	CF	I	Todos os ramos e níveis de ensino	22	
A.	30						
B.	30						
4. O Computador no dia-a-dia do professor - I		F	CF	I	Todos os ramos e níveis de ensino	14	
6. PROmac	72	F	CF	I	Todos os ramos e níveis de ensino	4	Realização não prevista para 1994
7. A Organização dos Centros de Recursos Educativos e das Mediatecas Escolares - Um Meio para a Inovação Educacional	66	F	CF	A	Todos os ramos e níveis de ensino	15	

VI - O professor e a carreira

1. A Identidade Profissional do Professor	44	D	CF	A	Todos os ramos e níveis de ensino	12	
---	----	---	----	---	-----------------------------------	----	--

VII - O professor ao ensino

1. Professor - Reflexão	44	D	CF	A	Todos os ramos e níveis de ensino	25	
-------------------------	----	---	----	---	-----------------------------------	----	--

VIII - O professor, a sua especialidade e a didáctica dela

1. Didáctica da Língua Portuguesa	66	E	CF	A	1º ciclo do E. Bás.	3	Realização não prevista para 1994
2. Didáctica da Matemática	44	E	CF	A	1º ciclo do E. Bás.	24	
3. Técnicas Laboratoriais de Química	60	B	CF	I	4º grupo do E. Bás. e Sec. e 11º - B	11	Realização não prevista para 1994
4. História - Temes do séc. XIX e XX	30	B	CF	I	História, Filosofia e Português do E. Bás. e Sec.	27	
5. O Computador na Aula de Inglês	60	C	CF	I	Inglês 2º e 3º ciclo E. Bás. e Sec.	13	
6. Inovar na Aula de Línguas (Alemão-Inglês)	60	C	CF	I	Alemão e Inglês 3º ciclo E. Bás. e Sec.	20	Realização não prevista para 1994
7. Expressão Física	60	C	CF	I	1º ciclo do E. Bás.	26	Realização não prevista para 1994
8. Desporto Escolar		C	CF	A	2º e 3º ciclo do E. Bás. e Sec.	19	
A.	22						
B.	22						
9. Aprendizagem por Mudança Conceptual em Biologia e Geologia		C	CF	A	Biologia e Geologia 2º e 3º ciclo E. Bás. e Sec.	16	
A.	22						
B.	22						
10. Investigação em História Local	66	B	CF	A	História 3º ciclo E. Bás. e E. Sec.	21	Realização não prevista para 1994



CONHECER MELHOR

Este espaço é dedicado a apresentar os nossos formadores que integram a nossa bolsa. Foi pedido a cada um que em apenas 10 linhas sintetizasse o conteúdo da sua acção ou o seu curriculum.

ANA MARIA NOGUEIRA GUEDES

32 anos
Lic. em Geologia
PQND, a exercer funções
SASE – Orientadora de Apoio Sócio-Educativo

Abordagem funcional-administrativa das áreas abrangidas pelo apoio sócio-educativo (refeitório, bufete, prevenção e saúde escolar...) realçando a sua dimensão humana bem como o seu carácter formativo e económico-socializante de cujo funcionamento podem resultar ambientes de interrelações pessoais capazes de desenvolver, na comunidade escolar, comportamentos e atitudes positivas.

Acção que orienta – Acção II Curso 3. Apoio Sócio-Educativo – Contributo para a Humanização da Escola

PAULA MARIA CARNEIRO GUIMARÃES

31 anos
Lic. em Geologia
PQND, a exercer funções
SASE – Orientadora de Apoio Sócio-Educativo

Abordagem funcional-administrativa das áreas abrangidas pelo apoio sócio-educativo (refeitório, bufete, prevenção e saúde escolar...) realçando a sua dimensão humana bem como o seu carácter formativo e económico-socializante de cujo funcionamento podem resultar ambientes de interrelações pessoais capazes de desenvolver, na comunidade escolar, comportamentos e atitudes positivas.

Acção que orienta – Acção II Curso 3. Apoio Sócio-Educativo – Contributo para a Humanização da Escola

FERNANDO EMANUEL PINTO COELHO

42 anos
Lic. em Arquitectura
Pintor, assistente contratado da ESBAP

Acção que orienta – Acção III Curso 2. Área-Escola: A Escola, a Comunidade, a Animação

OS FORMADORES DO PRÓFESSOR



JOSÉ MANUEL ALMEIDA DE CASTRO

35 anos
Lic. em Psicologia, Pós-graduado em Orientação Vocacional
Psicólogo, assistente convidado da FPCEUP

Acção que orienta – Acção III Curso 2. Área-Escola: A Escola, a Comunidade, a Animação



JOSÉ CASIMIRO MARTINS CALDAS

31 anos
Lic. em Biologia
PQND

Acção que orienta – Acção III Curso 2. Área-Escola: A Escola, a Comunidade, a Animação e Acção V Curso 1. A Fotografia no Ensino



FERNANDO LUÍS TEIXEIRA DIOGO

40 anos
Lic. em Filosofia,
CESE em Administração Escolar
Assistente da Escola Superior de Educação do Porto

Acção que orienta – Acção III Curso 2. Área-Escola: A Escola, a Comunidade, a Animação



JOEL ALVES CERQUEIRA CLETO

28 anos
Lic. em Arqueologia,
Mestre em Arqueologia
Técnico Superior da Câmara Municipal de Matosinhos

Acção que orienta – Acção III Curso 3. Património Histórico-Cultural de Matosinhos – seu Potencial Pedagógico na Área-Escola



ELISA MARGARIDA HERDEIRO DIAS AGOSTINHO

48 anos
Lic. em Ciências de Educação, Parte curricular do Mestrado em Ciências de Educação, Educadora de infância

Acção que orienta – Acção IV Curso 9. Planificação do Ensino-Aprendizagem em Jardins de Infância – I e Acção IV Curso 10. Planificação do Ensino-Aprendizagem em Jardins de Infância – II



MARIA JOSÉ FERRÃO ANTUNES MOREIRA SOTTOMAYOR

36 anos
Lic. em Filosofia
PQND

Acção que orienta – Acção IV Curso 2. Preocupação com o aluno como pessoa



MARIA ISABEL BRAGA TAVARES DA PONTE

39 anos
Lic. em Serviço Social
PQND

Acção que orienta – Acção IV Curso 2.
Preocupação com o aluno como pessoa,
Acção IV Curso 5. D.P.S. –
Desenvolvimento Pessoal e Social –
Formação para a docência

HERNANI MANUEL DE CASTRO VIEIRA

34 anos
Lic. em Psicologia
Técnico da Direcção-Geral
dos Serviços Prisionais,
assistente na ESAP

Acção que orienta – Acção IV Curso 2.
Preocupação com o aluno como pessoa

ALEXANDRE PAULO DE AGUIAR FALCÃO

48 anos
Lic. em Pintura
Actor profissional, PQND

Acção que orienta – Acção IV
Curso 3. Comunicação na aula, Acção IV
Curso 5. D.P.S. – Desenvolvimento Pessoal
e Social – Formação para a docência

MARIA GABRIELA AZEVEDO ALVES CARNEIRO GAMA

35 anos
Lic. em Filosofia
PQND

Acção que orienta – Acção IV
Curso 5. D.P.S. – Desenvolvimento Pessoal
e Social – Formação para a docência

LUÍSA MARIA MEIRA SANTOS

29 anos
Lic. em Biologia
PQND

Acção que orienta – Acção III
Curso 1. Direcção de Turma e Acção IV
Curso 5. D.P.S. – Desenvolvimento Pessoal
e Social – Formação para a docência

MARIA JOSÉ DE ARAÚJO ALVES

29 anos
Lic. em Biologia
PQND

Acção que orienta – Acção III
Curso 1. Direcção de Turma e Acção IV
Curso 5. D.P.S. – Desenvolvimento Pessoal
e Social – Formação para a docência



ANA MARIA MESQUITA DE ARAÚJO FERREIRA DUARTE

50 anos
Lic. em Educação Física, Doutorada em
Ciências do Desporto
PQND, Professora auxiliar da FCDP

Acção que orienta – Acção IV
Curso 8. Investigação em Educação
e Acção VIII Curso 8. Desporto Escolar

DULCE RESENDE COELHO DE RESENDE RAMOS

51 anos
Lic. em Filologia Românica
PQND

Acção que orienta – Acção IV
Curso 4. Trabalho de projecto, Acção IV
Curso 9. Avaliação pedagógica – E. Básico
2º, 3º Ciclo e E. Secundário e Acção IV
Curso 5. D.P.S. – Desenvolvimento Pessoal
e Social – Formação para a docência

MARIA ROSA GONÇALVES AFONSO MARQUES

44 anos
Lic. em Psicologia
Psicóloga

Acção que orienta – Acção IV
Curso 9. Psicologia do Desenvolvimento –
da infância à adolescência

MARIA TERESA TEIXEIRA MENDES DE MENDONÇA

31 anos
Lic. em Psicologia
Psicóloga

Acção que orienta – Acção IV
Curso 9. Psicologia do Desenvolvimento –
da infância à adolescência

MARIA TERESA DE MELO SIZA VIEIRA SALGADO FONSECA

45 anos
Lic. em Filosofia
PQND

Nasceu em Matosinhos, em 1948.
Professora de Comunicação Social e Foto-
-Vídeo na ESAG, Professora do Curso
Superior de Fotografia da Árvore, no Porto,
de 1984 a 1989 e no Centro de Estudos de
Fotografia em Coimbra. Directora-adjunta
dos Encontros de Fotografia de Coimbra.
Colaboração em vários jornais e revistas
com artigos de crítica fotográfica, participa-
ção em colóquios e conferências.
Fotografias publicadas em várias revistas
portuguesas e estrangeiras.

Acção que orienta – Acção V
Curso 1. A Fotografia no Ensino





GEORGINA MARQUES DE OLIVEIRA MENDES FERREIRA

43 anos
Lic. em Matemática Aplicada
PQND

Ação que orienta – Ação V Curso 4.
Computador no dia-a-dia do professor – I



MARIA MARGARIDA RAMOS COUTINHO COSTA MARQUES AZEVEDO

40 anos
Lic. em Engenharia Electrónica, Mestre em Engenharia Electrotécnica e Computadores
Técnica principal da CCRN

Ação que orienta – Ação V Curso 6. PRÓmac

ROSA BRANCA DE ENCARNÇÃO PINHEIRO

47 anos
Lic. em Ciências Matemáticas
PQND

Ação que orienta – Ação V Curso 4.
Computador no dia-a-dia do professor – I



ANTÓNIO MENDES DOS SANTOS MODERNO

51 anos
Lic. em Filosofia, Doutoramento em Didáctica e Tecnologia Educativa
Professor associado da U. Aveiro

Ação que orienta – Ação V Curso 7. A Organização dos Centros de Recursos Educativos e das Mediatecas Escolares – Um Meio para a Inovação Educacional

JORGE MANUEL TEIXEIRA DOS SANTOS LIMA

37 anos
Lic. em Biologia
PQND

Ação que orienta – Ação V Curso 4.
Computador no dia-a-dia do professor – I



LÍGIA MARIA DE OLIVEIRA CARVALHO

34 anos
Lic. em Línguas e Literaturas Modernas
PQND

Ação que orienta – Ação VI Curso 1. A Identidade Profissional do Professor

MARIA CRISTINA MOREIRA DE SOUSA PINTO

39 anos
Lic. em Matemática Aplicada
PQND

Ação que orienta – Ação V Curso 4.
Computador no dia-a-dia do professor – I



MARGARIDA ELISA DOS SANTOS TEIXEIRA MOREIRA

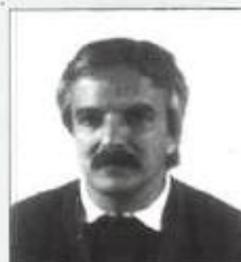
36 anos
Lic. em Ciências de Educação
Educadora de Infância

Ação que orienta – Ação VI Curso 1. A Identidade Profissional do Professor

AMILCARINO ARTUR GONÇALVES RODRIGUES GUEDES

37 anos
Bacharel em Engenharia Electrónica e Computadores
PQND

Ação que orienta – Ação V Curso 4.
Computador no dia-a-dia do professor – I



ABEL GUILHERME TEIXEIRA MACEDO

43 anos
Lic. em Engenharia Electrotécnica
PQND

Ação que orienta – Ação VI Curso 1. A Identidade Profissional do Professor

Este espaço está reservado

f e s s o r



MÁRIO JORGE CARDOSO FREITAS

40 anos
Lic. em Biologia, Mestre em Ensino das Ciências
Assistente do Instituto de Educação da U. Minho

Acção que orienta – Acção VII
Curso 1. Professor «reflectido»



MARIA LUÍSA BEIRÃO FARIA LAMELA GOMES DOS SANTOS

45 anos
Lic. em Filosofia e Humanidades, Mestre em Ciências da Educação
PCND

Acção que orienta – Acção VIII
Curso 1. Didáctica da Língua Portuguesa e
Acção VIII Curso 2. Didáctica da Matemática



MARIA DO CARMO SERÉN VIANA

55 anos
Lic. em Ciências Históricas
PCND

Acção que orienta – Acção VIII Curso 4.
História – Temas do séc. XIX e XX



MARIA ESTER COURA LOPES

41 anos
Lic. em Engenharia Electrotécnica,
CESE em Educação Especial

Eu sou a Ester, do signo de Leão, nascida há alguns anos mas não os suficientes para serem muitos... Professora do 1º Ciclo do E. Básico por opção de carreira, pois surgiram-me outras oportunidades. Contudo nenhuma me pareceu tão fascinante como o contacto directo com crianças daquela faixa etária. Estou no Ensino Especial desde 1988, dando desde aí apoio a várias escolas, mais directamente a alunos deficientes visuais, por ser essa a minha área de especialização. Como formadora do PRÓfessor, como primeira experiência gostei, tanto pelo aspecto de poder partilhar aquilo que me ensinaram, como também com o que aprendi no contacto com os colegas e com a experiência do dia-a-dia.

Acção que orienta – Acção IV Curso 6. Lidar com a diferença

MARIA DA ENCARNAÇÃO RODRIGUES CLEMENTE FALCÃO DE BERREDO

52 anos
Lic. em Filologia Germânica
PCND

Acção que orienta – Acção VIII
Curso 5. O Computador na Aula de Inglês



MARIA ALEXANDRINA PEREIRA PATO CARVALHO OLIVEIRA

40 anos
Curso do Magistério Primário, CESE em Educação Especial

Do signo Touro, e como tal, muito ligada ao factor Terra, à firmeza, e muito pouco ao ar ou à água (morro que me pélo)...

ISABEL MARIA MAGALHÃES SÉRIO LIMPO DE FARIA

35 anos
Lic. em Biologia, Parte curricular do Mestrado em Ciências da Educação
PCND

... portuguesa, trinta e cinco anos, mãe, licenciada em Biologia pela U. Porto, doze



a publicidade

ESPAÇO DE FORMAÇÃO!

Detestando a hipocrisia, a soberba e a injustiça (mexe mesmo) admirando a sinceridade, a amizade, a modéstia. Gostando de carochas (e não só) e tendo como filosofia de vida «com trabalho tudo se alcança» e «devagar se vai ao longe».
Mais? Não me peçam mais!

Acção que orienta – Acção IV Curso 6. Lidar com a diferença

MARIA ADRIANA DA SILVA PIMENTEL RENTE

37 anos
Curso do Magistério Primário, CESE em Educação Especial

37 anos, mãe de três filhas já crescidas e amorosas e de um filho diabete de 17 meses. De signo Escorpião, que lhe confere uma sensibilidade aliada a grande obstinação, determinação e coragem, enfrenta qualquer tipo de trabalho, por muito árduo que seja. Como alguns, julga ter a sua «missão»: a de lutar pelos Diferentes, talvez pelo facto de ser irmã de um dos 300 mil Deficientes que existem neste país, que à cerca de 20 anos tão injustamente eram esquecidos! Assim ela encontra-Os em todo o lado, desde o café ou parques, nas férias, até ao andar de baixo, ou do lado, do vizinho que recentemente se mudou...

Só há um senão. Anda sempre tão atarefada, atrapalhada, de saca e livros na mão, nem sempre bem compreendida, mas com o coração na mão!

Acção que orienta – Acção IV Curso 6. Lidar com a diferença

MARIA RAQUEL FERREIRA LOBO LOPES

58 anos
Lic. em Filologia Românica
PQND

Nascida do outro lado do Douro, vivi e estudei junto à sua foz, até ir frequentar Filologia Germânica em Coimbra. Comecei a ensinar um mês depois em Matosinhos, tendo a minha vida profissional estado quase sempre ligada a esta cidade. Após o estágio feito em 70/71, vim para a secção do Liceu D. Manuel II, embrião da nossa escola e tenho assistido, bem de perto ao seu crescimento. Sinto como privilégio ensinar línguas e veicular a cultura a elas ligada. Interesses são inúmeros – música clássica de todas as épocas e ligeira dos anos 30, 50 e 60; literatura de língua inglesa e alemã e cinema.

Duas paixões: o mar e as viagens (muitas vezes em pensamento).



Tempo livre neste momento quase todo ocupado pela Associação de Professores de Alemão de que sou Presidente.

Acção que orienta – Acção VIII Curso 6. Inovar na aula de Línguas (Inglês-Alemão)

MARIA MANUELA BAPTISTA MARTINS RODRIGUES

36 anos
Lic. História, Mestre em História Moderna
PQND

Acção que orienta – Acção VIII Curso 10. Investigação em História Local

NATALIA MARINHO FERREIRA ALVES

45 anos
Lic. História, Doutorada em História Moderna
Professora associada da Faculdade de Letras da U. Porto

Acção que orienta – Acção VIII Curso 10. Investigação em História Local

EUGÉNIO FRANCISCO DOS SANTOS

56 anos
Lic. História, Doutorada em História Moderna
Professora catedrático da Faculdade de Letras da U. Porto

Acção que orienta – Acção VIII Curso 10. Investigação em História Local

MARIA INÊS FERREIRA DE AMORIM BRANDÃO DA SILVA

34 anos
Lic. História
Assistente da Faculdade de Letras da U. Porto

Acção que orienta – Acção VIII Curso 10. Investigação em História Local

MARIA AUGUSTA DOS SANTOS LEITÃO RODRIGUES GOMES

43 anos
Lic. Química
PQND

Acção que orienta – Acção VIII Curso 3. Técnicas Laboratoriais de Química

CANDIDATURAS

PARA AS ACÇÕES DE 1994

Sistema de candidatura

A candidatura dos formandos às acções de formação promovidas pelo PRÓfessor está sujeita a um sistema que compreende:

- prioridades que serão tidas em conta na selecção;
- boletim de candidatura (que se encontra no fim desta revista);
- condições de entrega das candidaturas;
- prazo de entrega das candidaturas;
- divulgação das listas de candidatos e aviso aos formandos seleccionados;
- confirmação da realização da acção.

Prioridades na selecção de formandos

Às acções de formação promovidas pelo PRÓfessor poderão candidatar-se todos os educadores e professores profissionalizados do País, tendo, no entanto o Centro decidido estabelecer um conjunto de prioridades que serão tidas em conta na selecção dos formandos:

- 1º. encontrar-se a leccionar em Escolas pertencentes ao PRÓfessor;
- 2º. encontrar-se a leccionar em Escolas não pertencentes ao PRÓfessor mas incluídas na sua área geográfica;
- 3º. estar de acordo com o público-alvo estabelecido pelo formador;
- 4º. necessidade de formação específica para exercício eminente de funções docentes na Escola a que pertence, devidamente justificada e fundamentada pela Escola a que pertence;
- 5º. ser membro do Conselho Directivo ou Direcção das Escolas do PRÓfessor;
- 6º. ter participado em menor número de acções promovidas pelo PRÓfessor;
- 7º. ter concluído as acções que frequentou no PRÓfessor com aproveitamento e assiduidade;
- 8º. proximidade do momento em que o professor necessitará possuir os créditos necessários para a progressão na carreira;
- 9º. data de entrada da candidatura no PRÓfessor;

Boletim de candidatura

O único meio que o PRÓfessor escolheu para distribuir os boletins de candidatura é o actual número da revista PRÓfessor. Poderá encontrá-lo mais à frente, nesta revista, e fotocopiá-lo quantas vezes for necessário. Agradecemos que ao preenchê-lo tivesse em conta todas as indicações propostas.

Condições de entrega das candidaturas

Pessoalmente, nas instalações próprias do PRÓfessor ou na Chefia dos Serviços Administrativos da Escola Secundária Augusto Gomes, ou, enviar pelo correio para:

PRÓfessor
Centro de Formação de Professores de Matosinhos
R. Damão
4450 Matosinhos

Prazo de entrega das candidaturas

Até 1 mês antes do início da acção.

Divulgação das listas de candidatos e aviso aos formandos seleccionados

O PRÓfessor, nos 15 dias seguintes ao termo do prazo de entrega das candidaturas para a acção, afixará a lista dos candidatos, fará a selecção dos formandos e afixará a lista dos seleccionados que serão contactados pelo telefone para casa ou para a escola a que pertencem.

Confirmação da realização da acção

O PRÓfessor, apenas no caso de a acção não se poder concretizar, avisará os formandos seleccionados, no mínimo, uma semana antes do seu início.

Momento de candidatura

Manter-se-á, em 1994, o mesmo processo de inscrições nas nossas acções que vigorou este ano. A abertura de inscrições para uma determinada acção coincide com a saída da revista em que a acção é publicitada.

Para cada acção serão sempre discriminados os temas, a caracterização sumária, a modalidade de formação, o nível, o número de horas, os créditos a que corresponde, o público-alvo, mini-curriculum de formadores, o calendário/horário, local em que se realiza e prazo de entrega das candidaturas.

Ajudas de custo e deslocações de formandos

Todas as acções do plano de formação do PRÓfessor para 1994 prevêem ajudas de custo e deslocações para os formandos, de acordo com o estabelecido na lei.

ÀS QUARTAS... É NO CENTRO

PROGRAMA 1994

O PRÓfessor, para além das actividades de formação de professores que integram o seu Plano de Formação, decidiu, na sequência das «Quartas-feiras à noite... em Junho» desenvolver espaços de debate sobre temas de interesse para os docentes do Centro, que designamos por «Às Quartas... é no Centro!».

São sessões de trabalho, com cerca de 2 horas, com início às 21.30h, sobre temas científicos ou da didáctica das especialidades, que decorrerão em duas modalidades – mesas redondas abertas ou orientadas por uma personalidade de reconhecido mérito nesses campos, que têm lugar nas instalações próprias do nosso Centro.

O programa previsto para 1994 é o seguinte:

OS NOVOS PROGRAMAS VERSUS AS NOVAS METODOLOGIAS NO ENSINO DA HISTÓRIA

12 de Janeiro

Mesa redonda orientada pela Dr^a Maria Emília Dinis, autora dos novos programas de História – Reforma Educativa
Público-alvo – Professores do E. Básico e E. Secundário

OS NOVOS PROGRAMAS VERSUS AS NOVAS METODOLOGIAS NO ENSINO DA BIOLOGIA- GEOLOGIA

26 de Janeiro

Mesa redonda orientada pelo Dr. Mário Freitas, docente da U. Minho
Público-alvo – Professores do E. Básico e E. Secundário

OS NOVOS PROGRAMAS VERSUS AS NOVAS METODOLOGIAS NO ENSINO DA ECONOMIA

9 de Fevereiro

Mesa redonda
Moderadoras – Dr^a Fátima Martins e Dr^a Juventina Sousa, professoras experimentadoras dos novos programas de Economia – Reforma Educativa
Público-alvo – Professores do E. Básico e E. Secundário

OS PORTFOLIOS NA AVALIAÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO BÁSICO

8 de Março

Mesa redonda orientada pelo Dr. Domingos Fernandes, vice-presidente do Instituto de Inovação Educacional (I.I.E.)
Público-alvo – Professores do E. Básico

MODELO DE AVALIAÇÃO DO ENSINO SECUNDÁRIO

22 de Março

Mesa redonda orientada por personalidade a anunciar
Público-alvo – Professores do E. Secundário

MODELO DE AVALIAÇÃO DA ESCOLARIDADE BÁSICA OBRIGATÓRIA

13 de Abril

Mesa redonda orientada pelo Dr. Valter Lemos, do Instituto de Inovação Educacional (I.I.E.)

Público-alvo – Professores do E. Básico

MODELOS DE ENSINO-APRENDI- ZAGEM DE JARDINS DE INFÂNCIA EM CONFRONTO

27 de Abril

Mesa redonda orientada pela Dr^a Dora Vigário e por uma representante do Instituto João de Deus
Público-alvo – Educadores de Infância

OS NOVOS PROGRAMAS VERSUS AS NOVAS METODOLOGIAS NO ENSINO DO PORTUGUÊS

18 de Maio

Mesa redonda orientada pela Dr^a Adélia Silvestre, professora acompanhante de Português – Reforma Educativa
Público-alvo – Professores do E. Básico e E. Secundário

OS NOVOS PROGRAMAS VERSUS AS NOVAS METODOLOGIAS NO ENSINO DO INGLÊS

Balanço do 1^o ano de experimentação
1 de Junho

Mesa redonda orientada por personalidade a anunciar (autora dos novos programas de Inglês em experimentação no actual ano lectivo)
Público-alvo – Professores do E. Básico e E. Secundário

Para participar é fácil! Basta enviar-nos uma carta, até 1 semana antes do início da sessão escolhida indicando:

- a «Quarta-feira» a que se candidata;
- o nome completo;
- a morada e telefone;
- a Escola a que pertence
- situação profissional;

Este plano/programa está sujeito a alterações. Continuamos abertos às vossas sugestões ■



Este espaço está reservado a publicidade



ÀS QUARTAS... É NO CENTRO...

NÃO FALTE... E TRAGA OUTRO COLEGA... TAMBÉM!



**SE AINDA
NÃO SABE
TEM QUE LER**

A Revista PRÓfessor

Em 1994

**Passa a Poder
Ser Assinada**

A nossa revista para todos os educadores e professores que pertencem a escolas que integram o PRÓfessor continuará a ser fornecida gratuitamente de acordo com o regime de distribuição já divulgado. Para todos os outros educadores e docentes que não pertencem ao nosso Centro e entidades que a pretendam receber existe, a partir de Janeiro de 1994, a possibilidade de assinatura anual, que deverá ser feita utilizando o boletim anexo.

REVISTA

f e s s o r

BOLETIM DE ASSINATURA ANUAL PARA 1994

Preço • 3000\$00

9 números • JANEIRO • FEVEREIRO • MARÇO • ABRIL • MAIO • JUNHO • JULHO-SETEMBRO •
OUTUBRO • NOVEMBRO-DEZEMBRO

Preencha, por favor em letras Maiúsculas

NOME _____

MORADA _____

CODIGO POSTAL _____ TEL. _____

ESCOLA EM QUE SE ENCONTRA A LECCIONAR _____

* Enviar cheque ao portador e fotocópia devidamente preenchida deste boletim para PRÓfessor – Centro de Formação de Professores de Matosinhos • R. Damão • 4450 MATOSINHOS # Mais informações pelo telefone 9381064



PRÓfessor

1994



Candidatura de Formandos

Algumas indicações relativamente a esta candidatura:

- a). Utilize letras maiúsculas «de imprensa» no seu preenchimento.
- b). Os dados indicados nos pontos 17, 18, 19, 20, 21, 22 e 23 deverão ser confirmados pelos respectivos serviços administrativos da Escola a que pertence, para os professores do 2º, 3º Ciclos do E. Básico e do E. Secundário. Para os educadores de infância e professores do 1º Ciclo do E. Básico essa confirmação será substituída por uma declaração de compromisso de honra expressa nesta candidatura na área destinada a confirmações e por uma cópia do recibo de vencimento.
- c). Esta candidatura deverá ser entregue pessoalmente nas nossas instalações próprias, na Chefia dos Serviços Administrativos da Escola Secundária Augusto Gomes Gomes ou enviada pelo correio para o PRÓfessor.
- d). Os formulários de candidatura que forem entregues incompletos ou incorrectamente preenchidos não serão admitidos a concurso.
- e). No seu próprio interesse guarde uma cópia desta candidatura.
- f). Os formandos seleccionados para a acção a que se candidata serão contactados telefonicamente para casa ou para a Escola a que pertencem, uma semana após o encerramento do período de candidatura.

1. Acção/Curso a que se candidata _____

2. Turma ____ Data de início ____/____/____

3. Nome _____

4. Naturalidade _____ 5. Data de Nascimento ____/____/____

6. B.I. nº _____ 7. Arquivo de Identificação _____

8. Contribuinte nº _____ 9. Concelho ou Bairro fiscal _____

10. Morada _____

11. Código postal _____ 12. Telefone _____

13. Escola em que se encontra a leccionar _____

14. Morada _____

15. Código postal _____ 16. Telefone _____

17. Nível de ensino _____ 18. Ciclo ____ 19. Situação profissional _____
20. Cargo que desempenha actualmente _____
21. Escalão _____ 22. Índice _____ 23. Data de mudança para escalão seguinte __/__/__

24. Habilitações literárias _____
25. Habilitações profissionais _____

26. Cargos ocupados nos últimos dois anos (sem indicação de datas ou escolas) _____

27. Acções, promovidas pelo PRÓfessor que frequentou (só os títulos) _____

28. Outras acções de formação contínua, promovidas ao abrigo do Programa Foco, que frequentou (títulos e entidade promotora) _____

30. Outros dados que considere relevantes em relação à sua candidatura _____

31. Confirmações

Assinatura _____ Data __/__/__

f e s s o r

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATOSINHOS

ESPAÇO

DE

DEBATE

E

REFLEXÃO

GENTE QUE OUSA FASCINAR-SE!

Este espaço está reservado a publicidade

f e s s o r

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATOSINHOS



NOV/DEZ 7